

AUTORES & LIVROS

24-10-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 11
Vol. IX

Noticia sobre Leonardo do Vale

Leonardo do Vale nasceu em Bragança, Portugal, provavelmente em 1536. Vem citado o seu nome por Simão de Vasconcelos, como o de um dos fundadores de São Paulo. Parece ter chegado ao Brasil em 1553. Terá vindo, então, no mesmo ano em que vieram Antonio Rodrigues e Gaspar Lourenço. O Catálogo de 1553-1558 dá-lhe o nome de Antonio do Vale; isso, porém, é um lapso,

pois não se volta mais a falar em nenhum catálogo da Companhia em ninguém que tenha esse nome, enquanto que o nome de Leonardo do Vale avulta e cresce.

Dedicando-se com amor e com ardor ao estudo do tupi, Leonardo do Vale aprofundou-se nessa especialidade, tão útil à catequese dos bárbaros e foi em nosso país, o primeiro mar-

(Continua na página 135)

FONTES SOBRE LEONARDO DO VALE

— AIROSA, PLÍNIO — Estudo em "Vocabulário na Língua Brasileira", S. Paulo, 1938.

— AIROSA, PLÍNIO — Apontamentos para a bibliografia da Língua Tupi-Guarani São Paulo, 1943.

— BARBOSA, A. LEMOS — O "Vocabulário na Língua Brasileira" — Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, — Rio, 1948, 31 pgs.

— BARBOSA, A. LEMOS — Vocabulário na Língua Brasileira. In O Diário, de Belo Horizonte, 10-10-48.

— LEITE, SERAFIM — O Primeiro Vocabulário Tupi-Guarani, Português-Brasileiro — Páginas da História do Brasil, Americana, 33 — S. Paulo, 1937.

— LEITE, SERAFIM — Leonardo do Vale, autor do Primeiro Dicionário da Língua Brasileira (1591) — In Verbum, Tomo I (1944).

Foi tirado em separata.

— LEITE, SERAFIM — História da Companhia de Jesus no Brasil — 6 vols.

Trata de Leonardo do Vale principalmente nos dois primeiros volumes.

Academia Brasileira de Letras. II — História, Cartas Jesuíticas — II. Oficina Industrial Gráfica, Rio, 1931, 500 pgs.

Três cartas do Padre Leonardo do Vale, sendo três datadas de Baía (1560, 1563 e 1563) e uma de São Vicente (1563).

E' de Leonardo do Vale a tradução para o tupi da Doutrina Cristã, do Padre Marcos Jorge (1574).

— CARTAS AVULSAS — 1550-1568 — Publicações da

obra certamente dos Padres Jesuítas, tem que se falar em Leonardo do Vale, sem excluir, é claro, prováveis remodelações e aperfeiçoamentos posteriores, inclusive do próprio Ancheta.

Este recuo no tempo dá-lhe incontestavelmente maior valor" (1).

Numa História Geral, como a que escrevemos, não é lícito seguir as ramificações particulares dos assuntos de que ela se entretene, inúmeros e de infinita variedade, desenvolvimentos só admissíveis em monografias autônomas e especializadas de pessoas ou obras, como objeto direto.

A publicação do Vocabulário na Língua Brasileira pelo Ilustre Professor Plínio Airoso, da Universidade de São Paulo, a sua atualidade e importância, convidam-nos a uma exceção.

Em maio de 1952 reuniu-se na Bahia, convocada para o dia 25 de maio, a quarta Congregação Provincial dos Jesuítas do Brasil. Assistiram: Marcel Bellarte, Provincial; Luiz da Grã, antigo Provincial;

Inácio Telosa, Reitor do Rio de Janeiro;

Quirício Caxa, Procurador da Província;

Pedro Rodrigues (que, indo

(Continua na página 128)

Bibliografia de Leonardo do Vale

— VOCABULARIO NA LINGUA BRASILEIRA. Manuscripto Português-Tupi do século XVII coordenado e prefaciado por Plínio Airoso, Vol. XX da Coleção do Departamento de Cultura, S. Paulo, 1938.

Não traz declaração de autor. Aparece a primeira menção a esse Vocabulário em maio de 1592 na 4.ª Congregação Provincial dos Jesuítas, reunida na Baía. Juntamente faz-se menção ao Vocabulário, à Arte (de Ancheta), e à Doutrina Cristã (de Marcos Jorge, mais tarde intitulada Cerilhão do Mestre Inácio — Padre Mestre Inácio Martins).

Este manuscrito supõe-se ter sido composto em Piratininga em 1622. Pertencera aos livros de Magg. Brios, de Lóndres, que o venderam a Felix Pacheco, veneno, depois da morte de Felix Pacheco ao governo de São Paulo, foram então enviados por Plínio Airoso, incumbido de tal tarefa pelo Departamento de Cultura daquele Estado.

— DICIONARIO DE LINGUA GERAL DO BRASIL. E' em ms. existente na Biblioteca Nacional, e a ele se refere

A. Lemos Barbosa, que vertice da mesma obra publicada por Plínio Airoso — O Vocabulário na Língua Brasileira.

Esta como aquela ms. vem descrito no Catálogo da Exposição de História do Brasil, 2.º volume, p. 1.101:

"11.981. Dicionário da Língua Geral do Brasil (B. N.). Cópia por letra do XVI século. E outra de 72 pp. não num. medindo 18 centímetros de altura por 14 de largura. Em português e tupi ou guarani. Não traz nome de autor, nem título. Faltam as letras A e B, começando pelo vocabulo — Cabeça Humana sem Corpo, "Acenquera".

Segue-se uma nota à mão: "Temos uma cópia completa na coleção Martins" (patron?).

Lemos Barbosa verteu que esse Códice da Biblioteca Nacional é mais antigo e também mais correto que o de São Paulo.

— Nuovi Artisti, Venetia, 1563, 4.ª parte.

Traz, sem nome do autor, uma carta de Leonardo do Vale.

— CARTAS AVULSAS — 1550-1568 — Publicações da

Serafim Leite

Nóbrega, na Capitania de S. Vicente, foi a alma desse movimento, distribuindo as tarefas: a Ancheta, humanista e gramático de Coimbra, encarregou a Arte, a Pedro Correia, Antônio Rodrigues e a outros, as orações e a doutrina, mas com a preocupação inicial de se uniformizarem as fórmulas, — "texto único". Quanto a vocabulários, cada qual organizava para o seu uso, listas de palavras ou "principios de vocabulários", de que todos participaram. Até que, enfim, se encarregou a quem mais se tinha distinguido nesse trabalho antepreparatório, o irmão, e depois Padre, Leonardo do Vale, a organização definitiva do "Vocabulário na Língua Brasileira".

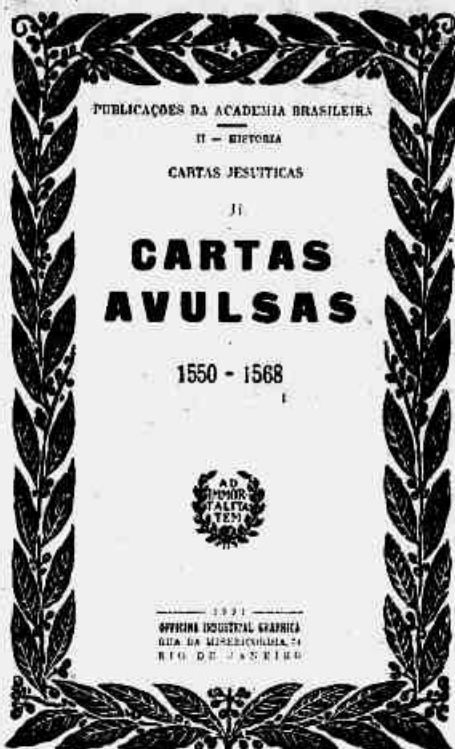
Tanto das Artes de Ancheta e Luiz Figueira, como do Catecismo de Antônio de Araújo, e edições respectivas, já está feita a história. Do Vocabulário também, em 1938, na História da Companhia de Jesus no Brasil, com a seguinte conclusão:

"No estado atual dos nossos conhecimentos históricos o Vocabulário na Língua Brasileira (códice Piratiningano de 1622).

LEONARDO DO VALE, AUTOR DO PRIMEIRO VOCABULARIO NA LINGUA BRASILEIRA (1591)

O estudo metódico do Tupi começou com a chegada dos Jesuítas em 1549, e em todos os lugares, por onde logo se repartiram. Constituíram-se centros principais desse estudo, a Bahia e a Capitania de São Vicente. Na Bahia assinalou-se particularmente João de Aspiqueta Navarro, coadjuvado pelo "Caramuru" e outro português de Pórtio Seguro; S. Vicente, porém, sobretudo como primeiro "centro desses estudos, pela entrada na Companhia quer de homens feitos e antigos na terra, conhecedores práticos da língua, Pedro Correia, Antônio Rodrigues, Manuel de Chaves, quer de jovens, que vieram ao Brasil com suas famílias e no grupo de irmãos Leonardo do Vale, Gaspar Lourenço e outros. A este grupo de línguas se reuniu José de Ancheta, chegado também ainda em plena juventude.

E entrou no espírito geral a necessidade de uma trilogia lingüística: o princípio inorgânico, sem dúvida, mas que depois se impoz definitivamente; Catecismo (necessário à função da catequese); Arte de Gramática (para a aprendizagem racional da língua); Vocabulário (para a arrendimentação metódica das palavras que facilitasse a aprendizagem).



PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

II — HISTÓRIA

CARTAS JESUITICAS

II

CARTAS AVULSAS

1550 - 1568



1931
OFFICINA INDUSTRIAL GRAFICA
RUA DA IMPERATRIZ, 74
RIO DE JANEIRO

Página de título das Cartas Avulsas, edição da Academia Brasileira de Letras (1931). Dessa obra faz parte o trabalho de Leonardo do Vale, referente à peste na Bahia, que adiante vai publicado.

SUMARIO

PAGINA 125:

- Leonardo do Vale
- Bibliografia de Leonardo do Vale
- Fontes sobre Leonardo do Vale
- Leonardo do Vale, autor do primeiro "Vocabulário na Língua Brasileira", de Serafim Leite.

PAGINAS 226 E 227:

- A peste na Baía — (Carta ao Padre Gonçalo Vaz), de Leonardo do Vale.
- Alguns Verbetes de Leonardo do Vale.

PAGINA 128:

- Dois poemas de Moogen de Oliveira:
- I — Meus dias sem você...
- II — Insônia.
- O Recife de Coral, de J. M. de Heredia. Traduções de Silvio de Almeida, Alberto Paris, Freitas Guimarães, Olegário Mariano, Lucio Mesquita, Mario Limeiro, Severino Montenegro, Alvaro Martins e Carlos Brandão.

PAGINAS 130 E 131:

- Antologia da Literatura Brasileira contemporânea — Segunda série — Antologia da Prosa — XXV — Agripino Grieco:

- Nota sobre Agripino Grieco.
- Bibliografia de Agripino Grieco.
- Algumas fontes sobre Agripino Grieco.
- Autógrafo de Agripino Grieco.
- Viajando, de Agripino Grieco
- Os dois últimos capítulos de Isalva, de Agripino Grieco.
- José Albano, de Agripino Grieco.

PAGINAS 132 E 133:

- A Vida dos Livros.

PAGINA 134:

- O Grande Sacrificio, de Mucio Leão.
- Agripino Grieco: sempre escritor, de Ubaldo Soares.

PAGINA 135:

- História do Jornalismo no Brasil: Francisco Otaviano.
- Notícia sobre Francisco Otaviano.
- Bibliografia de Francisco Otaviano.
- Algumas fontes sobre Francisco Otaviano.

PAGINA 136:

- Album de Guignard N.º 8 — Ouro Preto, Bairro de Antonio Dias.
- Poésias completas, de Raimundo Correia.

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta cruzeiros, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço de emissão, dava um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Para a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (8-6-1940).

A PESTE NA BAHIA (Carta ao Padre Gonçalo Vaz)

LEONARDO DO VALE

Algumas particularidades escrevi com as derradeiras cartas que de cá foram dos ritos deste Gentio e principalmente de uma notável cegueira que antes entre elles ha, a que chamam *Santidade* (20) que é vir um feiticeiro desconhecido, que, com nome de Santo e como Propheta vindo o Céo, lhes traz nova de cousas que hão de acontecer, e tudo redunda em carnalidades e vícios diabólicos, o qual tudo communmente pagam com fomes e mortandades com que Deus Nosso Senhor os castiga e nem isso basta para deixarem de lhe dar credito e correrem com mais fervor a lato que muitos Christãos a grandes perdes, como ainda agora ha bem poucos mezes fizeram, como já escrevi. E quanto isto é mais grave neste tempo em que o Senhor os chama para os convites e prazeres eternos, que no outro em que nem um lume nem caminho havia, tanto a Sua Divina Justiça mais se acendeu contra elles, *quia si Dominus non venisset et eis locutus non fuisset, peccatum non haberet, nunc autem, etc.*

De maneira que seu peccado foi castigado com uma peste tão estranha que por ventura nunca nestas partes houve outra semelhante; alguns querem dizer que se pegou da nau em que veio o padre Francisco Vieira, porque começou nos Ilheos, onde ella foi aportar; mas parece mais certo ser agouto do Senhor, e começar donde osromeiros primeiro começaram a correr a *Santidade* que andava pelo sertão a dentro, e mesmo se pôde dizer da fome que quasi é geral entre elles, porque nesta terra nem a agua nem o muito sol causa fome como em Portugal e outras partes, mas em todo o tempo que um quizer trabalhar e por o terço da diligencia que põem os lavradores da Belra e Alentejo terá que comer e que dur, polo que se não pôde attribuir a outra coisa sinão a querel-os Nosso Senhor castigar por esta e outras culpas e juntamente tomal-os por verdugos para os Christãos, que também foram muita causa de seus desarraigos pelas perseguições que acima disse com que lhes quebavam os animos para não poderem rogar e viver quietos, e agora se lhes vem metter pelas casas e fazendas a comer-lhes os mantimentos, tão miseravelmente que muitos não têm coraço para os botarem. E alguns que acertam de ir a parte onde falta esta brandura de coraço e vendo que os botam, commettam que os comprem e se fazem escravos e tal houve que nem por escravo o queriam; se fez ferar para que, vindo-o que engeitava já ferrado, o tomasse.

Mas tornando a peste, para que houvessem menos aso para escaparem della os delinquentes, occupou-lhes juntamente o sertão e courela do mar e assi veio mui de vagar, correndo para cá até chegar a Taparica onde se deteve muito tempo pela distancia que da dell. a esta cidade e intervalo de mar.

Não se lhes pôde, carissimos, pintar o trabalho que seus Padres e Irmãos padeciam naquellas tres aldeias que a peste tinha occupadas, scilicet: Nossa Senhora da Assumpção, S. Miguel e Santa Cruz de Taparica, porque a mortandade era tal que havia casa que tinha 120 doentes e a uns faltavam já os paes, a outros os filhos e parentes e, o que peor é, as mães, irmãs e mulheres, que são as que fazem tudo, tirando derrubado mato, que é dos homens e dellas é plantar e mondar e colher e fazer a farinha o cosinhar, polo que faltando ellas não havia quem olhasse pelos doentes, nem quem fosse por um calção d'agua á fonte, e a tudo isto era necessario darem os Padres remedio, sfóra



Página final do VOCABULARIO NA LINGUA BRASILICA, de Leonardo do Vale. Edição Flávio Airoso (1938).

haverem de apparellar a uns para o doutrinao a outros para a confissão, o que tudo era mui trabalhoso, porque muitas vezes lhes era necessario estar algumas horas de corcova em simultaneas obras, por estarem muitos juntos e tão doentes que não era possivel mudarem-nos para outro lugar, além de não haver quem no fizesse.

E muitas vezes o fedor que padeciam, que o estarem de corcova tirando os peccados como por força, pela fraqueza dos enfermos, porque além do fedor que a doença podia causar em doentes tão desamparados, havia muitas mulhi-eres preñhes que tanto que lhes dava o mai as desmitava de maneira que totavam a creanga, ficando-lhes as pareas, de que procedia fedor insuportavel até que morriam, e destas preñhes quasi nem-uma escapava. por toda a terra, nem menos as crianças, a muitas das quaes acudiam os Padres, por que traziam já as mães em olho por terem quasi certo haverem de adoecer e baptisavam-nas e muitas era de maneira que parecia esperarmos ao aquele singrado lavacro para poderem ser recitadas de seu Oreador — e acabado de o receber expiravam e ali no chão onde nasciam, porque nem parteras haviam que as levantassem, nem as mães tinham espirito para isso e umas pariam na rua e outras no monturo.

Finalmente chego a cousa a tanto que já não havia quem fizesse covas e alguns se enterravam pelos monturos e arredor das casas e tão mal enterrados que os tiravam os porcos, e os os Padres não pueram nisso cobrir, foram ajudados para a peste mais se acender e, o que é mais para doer, que muitos morriam sem confissão e sem baptismo, porque era impossivel acudirem dous Padres a tanta multidão como sempre havia, porque, si morriam 12, cahiam 26, com a sua diligencia ser tanta que nem para comer nem para dormir nem para rezar tinham tempo certo, porque todo (quasi) assi de dia como de noite gastavam em enterrar, fazer covas e acodir a estas pressas e era cousa milagrosa não morrerem com tanto e tão continuo trabalho como padeciam: todavia adoeceu em Taparica o padre Gregorio Ser-

rão depois de alguns mezes deste exercicio de caridade e adoeceu de maneira que chegou usque ad portas mortis, e aeu muitos motivos de desconfiança por muitas vezes, mas vio Nosso Senhor a falta que na sua vinha faria por ser lingua.

Bem me parece que em cada uma daquellas tres aldeias morriera a terceira parte da gente, porque não em Nossa Senhora da Assumpção haverá dous mezes que ouvi dizer que eram mortas 1000 almas, e com tudo isso dizem os Indios que não era nada em comparação da mortandade que ia pelo sertão a dentro, que ainda nisto nos quiz Nosso Senhor favorecer para elles acatarem de crer que, não pela conversação dos Christãos nem por causa da doutrina, mas por sua cegueira e pessimismo ruins, lhes veio o castigo como alguns da Taparica confessavam, dizendo que bem os avisara o Padre que ninguém passasse para a banda de além de Peragoaçum enquanto lá andasse a *Santidade* e que alguns revidis que lá foram sem querer dar por isso trouxeram della a morte.

Muito tempo se deteve esta peste daquella banda, mas por derradeiro houve de passar a esta cidade, *quia auditit Deus clamores Sodomorum, et Gomorrarum et iustum erat ut diruturæ audaciae poenas lueret.*

Porque tão bravamente deu pola escravaria, que não só os saltados e mal resgatados mas os de bom título e ladinos que muito presavam e os de Quindê lhes morriam em dous, tres dias, sem aproveitarem sangrias nem medecinas.

Casa houve onde morriam 90 e 100 peças, e outras onde não ficou quem fosse pela agua á fonte, e por então não haver neste collegio outro lugar sinão eu, me era muitas vezes necessario andar a mór parte do dia fora de casa, de uma casa em outra, baptisando uns e confessando outros, e acudia algumas vezes na summa a uma povoação que está mela legua desta cidade.

Porque como alguns cahiam já na conta e diziam ter assi a vontade do Senhor pelos castigar, trabalhavam já que lhe haviam feito perder sua liberdade, por lhes salvar as almas ne peyar priore error fieri, e por isso não tinham a quem

se soccorrer sinão a nós, polo que era necessario andar sempre vigiando sobre estas necessidades, e já me aconteceu levar o diurnal escondido na mão e ir rezando muitas horas por algumas ruas e logares escuros.

Depois de gastada a mór parte da escravaria, começou-se o mal a estender ao longo da costa para a banda de Pernambuco e já deu em duas das nossas egrejas, scilicet: em S. Paulo e Santiago, onde é morta muita grande somma de gente em muito poucos dias.

Tendo a carta nestes termos me foi necessario delxar-a por dous ou tres dias por o Padre Provincial me mandar com outros dous Padres e um Irmão lingua acudir a uma fazenda aonde a peste tinha feito grande estrago.

Todos fomos mui espantados de ver a multidão de escravos que ali havia doentes, de que as tres partes eram pagãos, nasim adultos como innocentes, os quaes era lastima ver estar sobre o peito das mães, morrendo sem ter já nellas que chupar nem algum remedio para goacecer.

Ali gastamos um dia, pouco mais ou menos, de continuo trabalho e baptisamos 70 e tantas pessoas e confessamos e casamos alguns, que sendo christãos, viviam em mau estado e isto com não ajudarmos sinão aquelles que provavelmente parecia haverem de morrer e vindo nós para a cidade foi-nos necessario dormir em uma fazenda que estava no caminho, por nos annoecer logo em partindo e no outro dia em amanhecendo, estando um de nós confessando uma escrava que ali estava muito mal e fora de mão para a confissão, si acaso ali não fossemos ter, chegou um recado de um engenheiro que ficava a traz e é duas leguas da cidade, cujo senhorio nos mandou chamar com licença que dizia ter do Padre Provincial para irmos acudir a outra semelhante necessidade.

Fomos, mas era tanto já o cansaço e delectamento ainda nos mais diligentes e caritativos, que não havia quem pudesse fazer nada, porque até o estar assentado em uma cadeira era mui difficil; mas finalmente, depois de cumprirmos com nossa obrigação o melhor que pudemos, nos partimos bem tarde e chegamos a este collegio perto das 9 horas da noite, e como nossa ida fóra da cidade fizera nella faltar, logo ao outro dia em amanhecendo me foi necessario ir á povoação que disse acima, por me virem chamar á pressa e intanto acudiram os companheiros a outras da cidade.

Fallando eu um destes dias com um manco de Pernambuco nesta peste, e dizendo que viera dos Ilheos, elle disse que antes vinha de Pernambuco, porque elle viera resgatado ao longo da costa e poi ella vira tanta destruição que se não podiam errar uns aos outros e onde antes havia 800 homens de pejeja não havia agora 20.

Por isto parecer ser geral, e segundo a cousa vai, não poderão escapar os que mataram o Bispo de ser tomados no meio, pois juntamente a peste vai de cá e vem de Pernambuco, e além dellas outro Principal, que haverá 3 annos que aqui fugiu e levou consigo 309 e tantos christãos, quasi todos innocentes, e chegando com muito risco de sua vida a um logar aonde lhe pareceu estar seguro dos Brancos, assentou e fez gente, com que agora faz crudelissimas guerras, nem creio que ha agora outro de sua fama, porque persegue tanto o gentio comarcho que se vai senhorizando de todos. Mas já o acoute se lhe vai tanto chegando, que mui perto donde elle está foram pouco ha estes nua-

zos Indios movidos da colliça de ter, parecendo-lhes que os Gentios estavam taes que ainda que era longe poderiam captivar a seu salvo, como de feito mataram e captivaram muitos, e segundo ficaram covados, si o Governador não estorvar tornarem lá, como desejam, porque que chegarão a este tyrano que digo, *ut profugi et diu mala operantes, tum divino, tum humano gladio cadant, cum agmine suo, residui vero in caenem venient captivi diuturni gantur.*

Por aqui poderão, carissimos, conhecer quão diferentes novas se podem agora dar da prosperidade do Gentio do que os annos atraz passados escrevi, porque bastava a fome para tirar todos os prazeres e causar muitos desconfortos; quanto mais taes maneiras de perseguições que se pode bem delles dizer, *residui, eruce comedit locusta et residui locustae comedit bruchus etc.* Queira o Senhor por quem é usar com elles e commosco de sua misericordia para que livres de tantas afflições possam tranquilamente vagar aquellas cousas que fazem a sua salvação.

Quem pudesse de tantas perdas chorar só uma, que é a perda de tantos innocentes cecano por toda a terra a fome e desamparo hão de morrer e para sempre carcerar da beatifica visão! Mas, pois é certo que nada se faz sem a vontade e disposição divina, resta dizermos com Job: *Dominus dedit, Dominus abstulit: est nomen ejus benedictum in seculum, porque impossivel cousa é navegar toda a vida com um vento ao menos tal e tão proveitoso, como o que agora, chegando eu a este passo, nos mette a armada pola barra, o que tanto ha desejavamos pela vinda de nossos dilectissimos Irmãos, in quorum dulcissimos amplexus rieri nobis diu optatum est.* Agora nos mandaram da aldeia de Santiago que neste mes de Abril se baptisaram 84 pessoas in extremis e todofalhearam; sfóra os christãos antigos, dos moccos da eschola estão doentes 48.

Muito trabalho nos dá a terrificação desta gente nos taes tempos de doenças, porque quase tantos morrem della como na peste.

Pouco ha que, visitando eu uma escrava doente, lhe perguntei si tinha algum impedimento para se poder confessar e ella respondeu que não, por um escravo que morrera, fóra seu amigo muito havia e que por isso estava de maneira que tu via que era bem no cabo.

Outra da mesma maneira, morrendo-lhe o marido, pôe bem que lhe queria se foi lançar na rede dizendo: *Quero morrer, e assi morreu, deitando-se muito as.*

Tambem ha bem poucos dias que onde esteve a aldeia de São Paulo, porque se mudou ella tendo os Indios grande agouro aquelle logar, dizendo que quantos a ella iam morriam, viu um Indio na metade do dia uma pomba pôr da egreja que estava já sem portas, e atirando-lhe com um arco entrou-lhe a frecha pola porta da egreja e indo por ella diz que viu estar um homem amortalhado e um Padre revestido que o estava encomendando, o qual não fez mais que subir fóra e ir contar isto a algumas pessoas que ali ficaram em uma coahna, e despedindo-se dellas cahiu morto, com que pareceo os outros terão maior temor ao logar e será ainda para mais morrerem, porque acortou de estar aquelle logar na estrada desta cidade, por onde não podem delxar de passar sem deixarem muito.

Agora nos vieram novas que a peste chegara um pouco mais adiante até a aldeia de S. João, que era a que estava mais prospera assi de gente como de

A PESTE NA BAHIA (Carta ao Padre Gonçalo Vaz)

mantimentos e de tal maneira lhe dá que quasi em um mesmo tempo cas o marido, mulher e filhos, genros e noras, pelo que não pôde deixar de haver trabalho semelhante aos que acima disse.

Mas quer Nosso Senhor, por começar a remunerar estes trabalhos dos nossos Padres, e lhes acender o fervor com que elle quer que os tais serviços se lhe façam, que ha poucos ou nem um que engelte os conselhos que para a sua salvação lhe são dados; mas antes com grande fervor e instancia pedem ser baptisados com palavras tão efficazes que a nós mesmos põem espanto e admiração, o nos faz crer que não será necessario esperar por seus filhos e netos (como alguns poucos experimentados e que pouco ou nada delles sabem), alguma hora quiseram dizer) para se poderem entre elles ver verdadeiros christãos que de coração creiam ser o baptismo e fé de Nosso Senhor Jesus Christo unico remedio de sua salvação e caminho para enegarem, não á vida boa e comprida que seus felliceiros lhes promettem, cujo termo com sua compridão não é mais que até serem tão velhos que as canellas das pernas sejam agudas como focas, que por estas palavras o dizem elles acicet: com osso e pelle tal; e não a vida que morri nescit et nullo temporis spatio terminat.

Indo um dia destes um Padre a chamado de um que estava doente, disse-lhe o doente: Assenta-te, pad, e logo começou

uma comprida pratica em que lhe dizia que o baptisasse, que que elle não queria outra coisa sinão ser christão e filho de Deus, que não seria formoso, havendo tanto tempo que vivia a par da igreja e crendo em Deus, não ser baptisado e ir-se caminho do inferno, repetindo isto muitas vezes e dizendo: Eu não sei quando hei de morrer, porque a morte não nos avisa primeiro nem diz o dia em que ha de vir. Baptisa-me em quanto estou em meu siso porque não sei si o perderei! faze-me filho de Deus porque não quero sinão ir ver este teconatum (sic: a gloria) que tu pregas. E outras muitas cousas que seria longo de contar, e tudo com tanta efficacia que mereceu, depois de bem instruido, alcançar o effeito de sua petição. E dahi a dois dias se foi a ver seu Creador.

Outro, estando doente, era muito miúdo visitado dos Padres por ver si o podiam mover a deixar uma de duas mulheres que tinha, e deixando um dia de o visitar pela grande dureza e obstinação que sempre nelle sentiram, quiz Nosso Senhor dar-lhe juizo para ponderar o perigo em que sua alma estava, e mandando elle mesmo chamar o Padre disse-lhe em o vindo, depois de um grande e sentido suspiro que deu: *Pae, eu estou muito anojado contra ti, porque não fazes a mim o que fazes aos outros. Quem foi o primeiro que teiu para a igreja? Quem o que nella entra primeiro pela ventura não sou eu? fui eu por entura dos que*

fugiram? A mim não queres tu baptisar que nunca te desamparei; e no tempo da fome nunca fui fóra; e baptistas aos que fugiram, deixando-me a mim que sempre cri em Deus e tuas palavras e desejei ser christão. Baptisa-me e não me queres dotar no inferno; faze-me que vá ao ceo, porque não quero o baptismo para outra coisa. E entre muitas cousas que o Padre lhe disse, respondendo a suas compridas razões, lhe disse que muitas vezes lhe fallara como elle sabia, mas que o ter elle duas mulheres, que era contra a lei de Nosso—Jesus Christo, lhe impedira gozar muito havia de tamanho bem como era vel-o christão, e que elle nunca tirara o impedimento; mas que, si agora estava com proposito de deixar uma dellas, elle falaria muito, e que além da saúde d'alma que com o baptismo alcançaria, podia ser que Nosso Senhor lhe daria também a do corpo. O que elle disse era muito contente do fazer, que elle casaria com uma dellas e a outra casasse o Padre com quem quizesse. E apartada uma dellas e feitas as mais diligencias que o negocio requeria, foi finalmente baptisado e casado, com o que ficou tão satisfeito que parece o grande contentamento lhe haver ser ajuda para recuperar a saúde corporal, e prazera a Nosso Senhor que escupara pers confusão do Demonio e de todos aquelles a que elle mette terror, com o baptismo, dizendo que elle tem a morte.

Outro Principal da mesma aldeia, a quem o Governador fez meirinho pelo grande amor e afeição que tem a nossas cousas e costumes, adoeceu com toda sua casa, andando elle esperando oportunidade para com outras muitas se baptisar por que se presam elles muito de ser em baptismo geral, onde se ajuntam muito, así dos camaráos como de outras partes longe onde os elles mandam convidar, para verem as festas e solemnidade com que se baptisam; cometeu-lhe o Padre que o levaria para casa, com o que elle muito folgou por não ouvir tantos como ao redor delles gemiam, e o Padre não menos por melhor com elle exercitar a caridade, así no corporal como no espiritual, pelo lugar que estas doenças agora dão, si se homem, não antieipa.

O tempo que em casa esteve, indo-se chegando a morte corporal, chegava-se também quanto podia para a vida espiritual apercebendo-se para o baptismo, e dali mandava chamar os outros Principes, aos quaes amostava, que fossem bons, e parecia outro Jacob que dava a benção aos filhos, porque a um encomendava uma cousa e a outro outra, dando-lhe, parece, a traça do que haviam de fazer e como se haviam de haver depois de sua morte. Posto que pelo tempo em diante ia sentindo alguma melioria, não deixava do fazer instancia que o baptisassem e, chegada a hora em que finalmente se havia de baptisar, disse elle ao Padre que não queria outra coisa sinão a Deus e a sua casa, que nella o baptisasse e fizesse levar pelos filhos á igreja e mandou assentar alli os honrados e assentado em uma cadeira disse:

"Cuidava eu que havia de ser aquelle por que muitos se haviam de mover ao mesmo e que juntos nos haviamos de baptisar grande numero, mas ainda que eu seja só, eu terei cuidado, si viver de os incitar a isso. Vejam elles o que eu faço e não haja daqui por diante quem se não queira baptisar, si eu viver embora; e si não, irei ver Deus, porque, quando crescemos no corpo e idade, para morrer crescemos. E outras muitas cousas de que assás mostrou ser movido pelo Espirito Santo e não por outro algum humano. Quiz nestas razões usar de seu proprio phrasé e modo de fallar por dar mais clara intelligencia de seu saber a quem alguns por ventura queriam julgar e sem razão por incapazes dos sacramentos, illius iudicii inmemores qui corda et renes scrutantur, o qual sabia muito bem o que nelles tinha quando por sua infinita bondade ordenou virem a terra estes fracos instrumentos, por cujos mecos cremos estarem na gloria muitos milhares, así de innocentes como de adultos: que morreram com grandes mostras de verdadeiros christãos. E a intenção porque também não curo de ornar suas palavras é por mostrar que, si nellas falta a polleia dos rhetoricos e philosophos e não falta o sapere ad sobrietatem, que o Doutor das Gentes achava ser necessario á salvação de seus discipulos, pois si in ligno viridi hoc id, in siccio quid fiet? Queris dizer que muitas são as maravilhas que o Senhor ha de fazer in Tiro et Sydone pelo tempo em diante, pois em este primeiro, não sendo ainda bem secas as caveiras e ossos dos comidos e havendo tão pouco que começaram a inclinar o ouvido á palavra do Senhor, se vem tão claras mostras de lume com que suas antigas trevas são alumadas.

Dos lugares onde até agora reinou a peste temos novas haver cessado e estar tudo quieto, especialmente em S. Miguel, que é uma das tres que estão mais perto dos libões, donde os Padres escreveram estarem todos muito pacificos e contentes, alastados de mantimentos e muito amigos dos Padre e obedienciaes para tudo o que delles quizerem, mas contudo não mui livres das travessuras dos Brancos. Apparellam-se muitos para se baptisarem, pelo o que así de lá como de todas outras igrejas importunam o Padre Provincial que os vá baptisar, o que o Padre não deseja menos, mas com muita vantagem si suas más disposições o não estorvassem ou os medicos que tanto o reprimem e encarecem o mal que nem pela cidade o querem deixar andar; mas já me parece que não consentirá mais carcere de tão grande recreação e descanso, como para elle é fazer vontade aos pobres Gentios que com tantos desejos o esperam, para por elle serem curados de suas doenças spirituales esquecendo-se das suas proprias corporaes, como sempre faz e tem por costume.

Queira Nosso Senhor, por quem é, dar-lhe as forças necessarias por tão grande obra e a nós graça para perfeitamente em tudo obedecermos, abrangendo o proprio parecer e vontade, porque possamos ser verdadeiros cooperadores em cousas tão santa e para isso pedimos ser mui especialmente encomendados em os devotissimos sacrificios e ferventes orações de todosos reverendos Padres e carissimos Irmãos desse Reino.

Deste collegio de Jesus, cidade do Salvador, hoje 13 de Maio de 1563.

Por commissão do Padre Provincial. Inutil servo de todos em o Senhor Jesus.

ACABA DE SAIR!

FUGA



Moema Ferreira

O segundo livro da vitoriosa autora de MEUS VERSOS

FUGA!

O LIVRO DO MOMENTO! PORTICO! — SINCERO! — ORIGINAL!

A venda nas principais livrarias
Pedidos a BATISTA DE SOUZA & Cia
Rua da Misericórdia, 51 - Rio de Janeiro

FEITICEIRO

"Fagê, Pajeangalha". Algua diferença faz entre estes dois porque o espirito do primeiro é em favor comum, como é dar victoria nas guerras, et similia; e por isso ajuntam muitas vezes a este nome, cata ut Pajeangalha, i.e., bom.

O espirito deste se chama Guajupia.

O outro é inclinado a matar, e causar diversas enfermidades, fomes e fazer ausentar o peixe das pescarias, etc. E por isso tem-o por adjectivo oiba l. angaiba acilicet mau. E são muitos os diabos de que se ajuda. Também se chama Mocangajara, senhor da s mezinhas ou feitiços, pelos que faz para matar.

CASAS DE INDIOS

"Vão como de cana: Igbigia. O mesmo se diz das casas dos indios "porque a modo de cana ou pau furado, nutram nelles por um oculo e saem pelo outro".

UNTAR COM AZEITE E O URUCU

Aiptab. "isto usam ou por festa ou por mezinha para os pés quando vêm despidos do caminho e umas vezes é do

meio pé por diante, outras até pela perna, outras todo o corpo".

VINHOS

"Vinho qualquer: Caay. Vinho de uvas: Caoyala, Caoyete, Caoyumana.

Aos seus "vinhos" os indios poem-lhe o nome de que elles são se é necessario declará-los, ut:

Alpisig, s. vinho de alpi.
Nanaig, s. vinho de ananases.

Oa que eles chamam Bejutigig, o qual leva por fermento uns certos páes de milho que elles guardam de muitos dias nos "jurás", o qual o faz muito forte e chama-se este fermento, beju.

Acajig, vinho da cajueiros.
Mangabig, vinho de mangaba, etc".

FORMIGA

"Não tem género: Ruiva e grande que com as plantas, Iqasaba.

As que dela nascem com asas que depois enameiam e se comem, Iqca, l. capla, ut Iqacupla. Outras, que das mesmas procedem também com asas delgadas e compridas, que não se comem, eebita.

Outras pequenas ruivas que também comem as plantas e

criam semente na flor da terra, aquege.

As de agulhão com bespas, taracutiga.

Outras, mopetoes.

Outras que tem as bocas e dentes com anzollos (6) de que usam para pechinhas muito pequenas, taeca.

As que advinhão a chuva ou saem antes dela em grande multidão a buscar baratas e outros bichos, guajá.

A branca ou a pintada de preto e branco com pelo como veludo, azuracaba.

As que comem a madeira, capil.

Outras pequenitas, Itaciba.

COBRA

"Cobra, Bohn, "genero". Suas "especies" são muitas:

As que matam, Jaraaca, boipeba, saracueno, boicustara, ibiboca, ibijara.

A dos cascavels, Ithibocaca.

A dos cornos caminana. Dizem os naturais que se gera nos ares e é certo.

Bocapanga, Boisbi.

Gibeta, grandissima da terra; da água, maior que todas. Sa-cureji. Engolem antas e veados e toda a mais caga.

Beleça.

Picua da água.

(Continua na pág. 128)

Alguns verbetes de Leonardo do Vale



Página de rosto do Vocabulário na Língua Brasileira, de Leonardo do Vale (Edição Plínio Alroza, 1938).

Leonardo do Vale, autor do primeiro vocabulário na Língua Brasileira (1591)

(Continuação da página 125)
para Angola, arribara à Bahia; José de Anchieta, Superior da Capitania do Espírito Santo;

Luís da Fonseca, que nesta Congregação foi eleito procurador a Lisboa e Roma; Leonardo Arminio, que tinha voltado do Rio da Prata; Francisco Soares, o autor de "Alguas cousas mais notáveis do Brasil";

Pero de Toledo, Reitor do Pernambuco; Fernão Cardim, Reitor da Bahia; Vicente Gonçalves, Superior de Ithús.

Deviam vir mais o Pe. João Pereira, Superior de S. Vicente, que não chegou a tempo, e o Pe. António da Rocha, que ainda assistiu ao final da Congregação.

Nesta junta de homens, superiores ou professores da Companhia de Jesus, entre os quais alguns grandes nomes do Brasil, estudaram-se os assuntos comuns a toda a Província, a benevolência dos colonos ou a malevolência da algum, e o que convinha propor ao Pe. Geral ou requerer licença. Tais requerimentos chamam-se postulações.

O 16.º é este: "U Indorum conversi per idoneos ministros consulari, petit Congregatio facultatem ut typis licet excedere Lexicon Idiomate Brasiliensi, Artes atque Doctrinam Christianam eodem sermone conscripant."

A resposta foi: Ad 10 m Rp: Probamus quod petit. Et iam ordinatum est ut imprimantur."

Latim tão claro que quase por si se entende: "A fim de haver ministros idôneos na conversão dos Índios, a Congregação pede licença para imprimir o Vocabulário da Língua Brasileira, a Arte e a Doutrina Cristã escrita na mesma língua."

Resposta: "Aprovamos o que se pede. E já se ordenou a impressão." (2)

No pedido não se citam nomes de autores. Como a Arte se verificou ser de Anchieta, quantos viram mais tarde este postulado, conservado em todos os Colegios entre as "Ordenações" próprias do Brasil, cuidaram que o Vocabulário fosse também dele, e assim o fez Simão de Vasconcelos em cuja estampa outros o consignam e nós próprios, pelo peso destes

autores, o pensamos, ao ler este postulado antes de concluído o processo dos nossos estudos. Mas já antes de os concluir, achamos, pelo exame das fontes autor diferente de Anchieta. E escrevemos, no seu lugar próprio na História: "Nos documentos da época não achamos notícia de intervenção sua, direta, neste trabalho. Nos primeiros biógrafos observa-se esta graduação: Quirício Caxa, enunciando pormenorizadamente, as obras de Anchieta na língua tupi, não fala de "Vocabulário"; Pero Rodrigues já afirma que deu "princípio ao Vocabulário"; Simão de Vasconcelos dá o passo final e escrever: "Faz Vocabulário da mesma língua".

Cada qual fala certo, entendendo-se como se devem entender: todos os grandes linguistas do Brasil no período de 1549 a 1572 organizaram listas ou vocabulários na língua tupi. Como eles também Anchieta "faz vocabulário na mesma língua" (Simão de Vasconcelos). Mas este não é o Vocabulário de que se propôs a impressão. Pero Rodrigues já se deve referir ao Vocabulário em concreto, ao qual também é possível ter pensado Anchieta em lhe dar "princípio". Fala apenas em "princípio" de Vocabulário, porque sabia que o "Vocabulário" que se propôs na Congregação, a que ele de passagem assistia, era outro e por ser outro é que Quirício Caxa, que também estava presente à Congregação como Procurador da Província, e acompanhava o movimento dos estudos tupi, como ouvinte na Bahia, do verdadeiro autor do Vocabulário, suprimiu simplesmente a menção deste na lista das obras de Anchieta, na primeira biografia que dele se escreveu, e só há pouco impressa.

O verdadeiro Autor do livro próprio P. Provincial, Marcel Bellarte, que presidiu aquela Congregação. Ao mandar para Roma os papéis referentes a ela, e ao pedido de impressão, enviou também um resumo histórico do 1591, ano em que a 2 de maio faleceu em Piratininga o Pe. Leonardo do Vale. O Provincial apresenta a Leonardo do Vale como compatriota de Nóbrega e dos primeiros Padres, o "princípio dos linguistas do Brasil". Leonardo falava a língua brasileira, diz ele, com tanta perfeição, que

até os Índios se admiravam da sua graça singular. E sobre isto acrescenta, testemunho idêntico e autorizado: "Compositi vero Illius Linguae optimum, copiosum et valde utile Vocabularium ex quo facile est addiscere (3) — Compo o ótimo, copioso e utilíssimo Vocabulário daquela língua com o qual é fácil aprender."

Da licença, pedida em 1592, para a impressão do "Vocabulário na Língua Brasileira", da "Arte" e da "Doutrina Cristã", só teve execução a da "Arte de Gramática" de Anchieta em 1595.

Com a morte do Pe. Leonardo do Vale deve ter fatado o livro pessoal que costuma ministrar e dar vida até o final às obras do espírito. Devem ter minado também o caráter econômico, no gênero das que achamos mais tarde António de Araújo, e que o levaram a estampar no seu Catecismo: "A Arte dos Padres do Brasil".

O Vocabulário na Língua Brasileira prolongou, porém, e continuou a sua tarefa, passando de mão em mão em cópias manuscritas. E foi o instrumento de aprendizagem das gerações seguintes. Deveria existir hoje muitas cópias se não se tivesse manifestado a insânia do século XVIII, agressiva e destruidora, contra esses monumentos de uma língua cujo uso foi acimado por esses perseguidores de "invenção diabólica" (Invenção que foi um dos fatores decisivos da unidade colonial, e, portanto, nacional).

Sobreviveu à agressão o exemplar (talvez mais algum haja, ainda sumido nos Arquivos) copiado em Piratininga, com o ano de 1621, no frontispício, e o de 1622 no fecho. Em 1621 vivia em Piratininga o Ir. António Rodrigues, de S. Miguel. Entrara na Companhia no momento solene da sua festa académica (laurea de Mestre em Artes); e concluiu o noviciado na Bahia passou a S. Paulo a aprender ou aperfeiçoar a língua. Em 1622, segundo a data do manuscrito, passou por Piratininga o Pe. António de Araújo, o autor do Catecismo, impresso, da mesma terra de António Rodrigues. Rodrigues poderia ter sido o autor dos dísticos latinos, juvenis, do exemplar do seu uso. E ocorreu-nos o pensamento de que António de Araújo pudesse ter sido remodelador do Vocabulário de Leonardo do Vale, a maneira como organizara o Catecismo, que leva o seu nome. Todavia, alguma intervenção sua e de todos os mais copistas, ou até mestres, só poderia versar sobre a inclusão de mais algum vocábulo ou variação de algum significado, hipótese que se deve conceder a todos os copistas ou mestres por se transformar a cópia em manuscrito, de uso pessoal. Dado o estado de perfeição em que já ficou à morte do autor, seja qual for a intervenção que se admita, não pode passar de mero acidente. Leonardo do Vale deixou o Vocabulário da Língua Brasileira já com as três características substanciais dos bons dicionários: a qualidade de (optimum), abundância (copiosum), facilidade didática (ex quo facile est addiscere). E, em vez de intervenção útil, resulta do próprio exame do manuscrito, que o copista, como o nota com auge Plínio Alroza, devem ser antes atribuídas as flutuações ortográficas com que se apresenta o manuscrito conhecido.

O Ir. António Rodrigues, ao voltar à Bahia em 1624, foi cativo dos Holandeses invasores do Brasil, e conduzido à Holanda. Circunstância que pode não ser ociosa para a história interna do manuscrito de Piratininga de 1622, na suposição de existir já na Europa, em 1700. Pouco importa, porém, os caminhos ou descaminhos que tivesse levado. Certo é que estava em poder dos livreiros Maggi Bros, de Londres, em 1828, e Felix Pacheco o resti-

tuiu no Brasil, benemerência sua inestimável. E se as pesquisas não se orientaram definitivamente para onde lhe puxava o coração (para Pero de Castilho), todavia ter-se-ia regozijado hoje, com a quota parte, e grande, que lhe cabe, em evitar que o precioso manuscrito fosse naufragar num arquivo estrangeiro ou inacessível. Foi parar a Piratininga a cuja "Casa de São Paulo", o deixou o autor, ao falecer nela, em 1591, e donde está igualmente datada a cópia existente. São Paulo reconheceu a herança em 1938, e pelo seu Departamento de Cultura e pela comprovada competência de Plínio Alroza, ofereceu-o ao mundo, impresso, embora ainda se não lia nele o nome do autor, 347 anos depois da morte de Leonardo do Vale, sepultado, com outros muitos línguas jesuítas e paulistas no chão sagrado da Igreja do Colegio (4).

Leonardo do Vale tinha sido professor da Língua Tupi no Curso organizado na Bahia em 1572. Para o Curso requieram-se três livros: gramática, vocabulário, e livro de texto, a doutrina. A Suma inicial, de Pero Correia, satisfazia sob o aspecto linguístico, não sob o aspecto formal, doutrinário, que Pero Correia não era teólogo. Leonardo do Vale, traduziu a célebre doutrina de Marcos Jorge, que iria depois, ampliada, celebrar-se durante séculos com o título de Cartilha, do Mestre Inácio (Pe. Mestre Inácio Martins); a Gramática era a de Anchieta; Vocabulário o que Leonardo do Vale organizara com seus próprios estudos e listas que corriam. Por uma dessas listas chegada até nós, ainda que tardia, "Os nomes das partes do corpo humano" de Pero de Castilho, não é inverossímil supor que elas representassem segundo o jeito dos respectivos organizadores, grupos de nomes, uma a fauna, outro a flora, outro a geografia, outros ainda usos dos Índios, verbos, noções abstratas, a forma elementar de toda a aprendizagem prática. E depois, pouco a pouco, se limaram e reorganizaram em vocabulários alfabéticos, dentro da sua categoria, como são realmente os de Pero de Castilho, dois vocabulários, tupi-português e português-tupi. (5)

A todas as listas organizadas até ao seu tempo pelos Padres da Companhia e que teriam chegado às suas mãos, e às organizadas por ele próprio, deu Leonardo do Vale a coesão indispensável, a catalogação alfabética geral e as transformou, por necessidade de magistério, em Vocabulário em regra. Há em todas estas obras didáticas, Gramática, Doutrina, Vocabulário, um elemento de caráter coletivo, pois corriam manuscritas e consta que foram chamados a pronunciá-las sobre as grandes línguas do Brasil, antes de se darem aptas para a impressão definitiva.

Não eram muitos esses "grandes" linguistas. No Catálogo de 1574 indica-se o grau de conhecimento que cada qual tinha do tupi. Os Jesuítas, existentes no Brasil nesse ano, eram 110. Os novos, vindos recentemente de Portugal, não a sabiam ain-

da; os antigos, ocupados com cargos de governo ou com o ensino clássico, filosófico ou teológico, nessas ocupações tinham já em que empregar o tempo. Precisamente este movimento linguístico visava a que todos, sem exceção, a pudessem estudar, e muitos de facto já a estudavam. Desses não se fala no grupo seguinte:

Leonardo do Vale, grande língua.

Pero da Costa sabe bem a língua.

Gaspár Lourenço, grande língua.

João Pereira sabe bem a língua.

Luiz Valente sabe medianamente a língua.

Manuel do Couto, língua.

Francisco Pinto, língua.

Jorge Velho, grande língua.

Alonso Gago, entende a língua.

Baltazar Alvares, língua.

Gonçalo de Oliveira, grande língua.

João Lobato, língua.

Diego Fernandes, grande língua.

José de Anchieta, grande língua.

Manuel de Chaves, grande língua.

Alguns destes, que em 1574 ainda não eram grandes linguistas, foram-no depois, como Francisco Pinto, Alonso Gago e João Lobato, com a prática e o estudo. O estudo até nos próprios autores continuou. Para o apuro final na língua brasileira da "Arte", recolheu-se Anchieta às aldeias da Capitania do Espírito Santo; para o apuro final do Vocabulário recolheu-se Leonardo do Vale à Capitania de S. Vicente, fixando-se em Piratininga, na "Casa de S. Paulo", e parece que estava nela no próprio dia da sua inauguração, segundo Simão de Vasconcelos (discutimos este caso porque não está na lista de 1554; mas Catálogos ulteriores trazem-no como entrado na Companhia em 1553, de idade de 15 anos); em Piratininga estava em 1560; e nela viveu antes de morrer pelo menos 8 anos seguidos, os últimos anos da sua existência que não foi longa.

O fato de ter passado em Piratininga grande parte da vida, e ser a Bahia o limite da sua estadia ao Norte, dá o âmbito dos nomes geográficos do Vocabulário, que é esse e não mais. E o seu conhecimento do Sul é de tal ordem, entre os Tibús e Cananéias, que alguns dos nomes indígenas em vão se buscam em qualquer outro autor, incluindo Gabriel Soares de Sousa.

- (1) Cf. Serafim Leite, História, II, 352-356.
- (2) Arch. S. I. Romanum, Brasília, 2, 79.
- (3) Bras., 15, 273 v.
- (4) Cf. Vocabulário da Língua Brasileira, manuscrito português-tupi do séc. XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Alroza. Vol. XX da Coleção do Departamento de Cultura, São Paulo, 1928. Plínio Alroza. Aparentamentos para a Bibliografia da Língua Tupi-Guarani, (São Paulo), 1943, 270.
- (5) Destes vocabulários, com sentido de vocabulários paralelos, não gerais, se deve entender o nota que deixamos na História da Companhia de Jesus no Brasil, IV, 215.

Uma apreciação sobre "Autores e Livros"

O Diário de Lisboa, de 6 do corrente, deu, redigida pela pena do ilustre escritor João de Barros, a seguinte notícia acerca de AUTORES E LIVROS:

REVISTAS

"AUTORES E LIVROS"

direção de Múcio Leão

Recomeçou a publicar-se no Rio de Janeiro a revista "Autores e Livros", dirigida por um dos mais eminentes escritores do Brasil contemporâneos — poeta, romancista, ensaísta, crítico, jornalista e dramaturgo — Múcio Leão, atual secretário

geral da Academia Brasileira. O número que temos presente, e que só agora, pelo costumeado e aliás, inconveniente atraso dos correios, nos chega às mãos é de 6 de junho deste ano. Sumário esplêndido, em que, podemos ler "A Carta do Pero Vaz de Caminha", a proposta do recente livro de Jaime Cortesão, ao qual fizemos já longas e mercedárias referências neste mesmo lugar, acompanhado do retrato de D. Carolina Miskell de Vasconcelos, na reprodução do quadro célebre de André de Figueiredo (pintor brasileiro). "Pero Vaz de Caminha" (Continua na página 136)

O Recife de Coral, de J. M. de Heredia

LE RECIF DE CORAIL

(HEREDIA)

Le soleil sous la mer, mystérieuse aurore,
Éclaira la forêt de couraues abyssina,
Qui mêle, aux profondeurs de ses tièdes bassins,
La bête, épanouie et la vivante flore.

Et tout ce que la sel ou l'ode colore,
Mousse, algues chevelues, anémones, oursins,
Couvre de pourpre sombre, en somptueux dessins,
Le fond vermiculé de pâle madrepore.

De sa splendide écaille étendant les émaux
Un grand poisson navigue à travers les rameaux,
Dann l'ombre transparente indolentement il rôde;

Mais, brusquement, d'un coup de sa nageoire en feu,
Il fuit par le cristal mornes, immobile et bleu,
Courtir un frisson d'or, de nacar et d'émeraude.

III

RECIFE DE CORAL

(SILVIO DE ALMEIDA)

Sob o profundo mar, o sol, estranha aurora,
Dos corais da Abissínia a floresta ilumina,
Onde estamos a vag, qual em morna piscina,
Os pesmos animais e a luxuriante flora.

E tudo o que do sal ou do lodo se cora,
Musgo, anêmona, ouriço, alga crepa e marina,
Vivamente debuxa a sombra purpurina,
No polípeiro branco que no fundo mora.

Um tardo peixe enorme, entre chreda os ramos,
Naquela semi-luz escamosos recamos,
Umaz vézes apaga, outras vézes desfaldra.

E sá! a barbatana em fogo éle projeta
No cristalino azul da água parada e quieta
Um atrepe de ouro e pérola e esmeralda.

IV

A MADRÉPORA

(ALBERTO FARIÁ)

Dentro do mar o sol, maravilhosa aurora
Ilumina o brenhal de abissínicos corais,
Que mescla, a tepidez dos seios abissinais,
A florescida fauna e a luxuriante flora.

E tudo quanto o sal, quanto o lodo cora,
Musgo, anêmona, ouriço e algas filamentosas,
Cobre, a púrpura escura, em linhas triunfais,
O alv' rendado chão que o polipo elabora.

Esmaltes a apagar da escama resplendente,
Entre os ramos navega um peixe senhoril,
Eis que moroso vaga a sombra transparente...

Mas, pronto, a barbatana em fogo éle desfaldra
E no luto cristal do esmaecido azul,
Acende um tremor de ouro e nacar e esmeralda.
(Aérides, 18.)

V

RECIFE DE CORAL

(FREITAS GUIMARAES)

Dentro do mar, o Sol, qual misteriosa aurora,
A floresta baixou de abissínicos corais,
Que no fundo reuniu dos líquidos cristais
A fauna florescente e a palpitante flora.

E tudo quanto o sal ou o lodo corora,
Musgo, anêmonas, algas e outros vegetais
De púrpura sangrenta, em desenhos reais,
Da madrepóra tingiu o núcleo que descora.

Da rutilante escama os esmaltes velando,
Um grande peixe vai entre os ramos vogando,
Na transparente sombra, em giros, sem rumor;

E com um golpe da cauda, em brusco movimento,
Reverte-se espalta, apenas um momento,
De nacar, da esmeralda e de ouro, em derredor.

(Magníficos, sumptuosos.
(Autores e Livros, 7-5-944.)

VI

RECIFE DE CORAL

(OLEGARIO MARIANO)

O sol, dentro do mar, em misteriosa aurora,
O profundo brenhal do corais ilumina;
Mesclando, ao fundo da bacia esmeraldina,
A fauna florescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sal e de lodo se corora,
— O musgo, a actínia, ouriço e a pobre alga frânica
Põe desenhos breves de sombra purpurina
No chão rendado a que o polipo se incorpora.

Apagando o esplendor da espuma trizada, passa
Um peixe a navegar na trama que se enlaça.
Ora as águas alisa, ora as águas desfaldra...

Súbito agita em leque a barbatana enorme,
E, à tona do cristal da água mansa que dorme,
Corre um frémito de ouro e nacar e esmeralda.

VI I

RECIFE DE CORAIL

(SEVERINO MONTENEGRO)

O sol — dentro do mar, como encantada aurora,
De abissínicos corais a floresta alumina.
E mescla, ao fundo azul da rutila bacia,
A fauna vicejante e a deslumbrante flora.

E tudo que de sal ou de lodo se corora,
Musgo, anêmona, ouriço, alga leve e macia,
Em desenhos sutis de púrpura sombra
O verminado chão dos polpos decora.

Ofuscando o matiz da cintilante escama
Um grande peixe vaga entre a fiondosa rama
E molemente cruza a sombra transparente;

Mas, súbito, sacode a vigorosa espalda
E, ao choque, no cristal, quieto, morno e lúmen,
Corre um frémito de ouro e nacar e esmeralda.

VIII

RECIFE DE CORAL

OCTAVIO RIBEIRO DA CUNHA

Dentro do mar o sol, misteriosa aurora,
Do abismo dos corais em floresta alumina,
Onde, na profundez da lípida bacia,
Se une à vida animal a vicejante flora.

E tudo que de sal ou lodo se corora,
O musgo, a actínia, o ouriço, a alga peluda e lisa,
Num desenho pomposo a púrpura sombra,
Da madrepóra crepsa o alvo fundo decora.

Extinguindo o fulgor do esmalte das escamas
Um grande peixe vai navegando indolente.
Na penumbra sutil move o corpo entre as ramos;

E em impulso que a vivaz barbatana rescanda,
Far correr no cristal fosco, azul e dormente,
Uma centelha de ouro e nacar e esmeralda.

IX

RECIFE DE CORAL

LUCIO MESQUITA

Sob as ondas, o Sol, misteriosa aurora,
Dos corais ilumina a floresta esplendente,
Onde a vida fauna e a palpitante flora
Na abissal solidão fazem profundamente.

Tudo aquilo que o sal ou o lodo corora
— A alga, o ouriço, o musgo, a anêmona indolente —
Cobre em púrpura e cinza o abismo em que, somente
O rude polípeiro é que viceja e mora.

Da escama deslumbrante os brilhos ocultando,
Agora vem um peixe, e magestoso e enorme
Passa na sombra, e vai entre os ramos nadando.

Súbito, a barbatana esplendida desfaldra
E faz correr no azul cristal da água que dorme
Um relâmpago de ouro e nacar e esmeralda.

X

RECIFE DE CORAL

MARIO LIMOIRO

Sob as ondas o sol, misteriosa aurora,
Dos corais da Abissínia a floresta alumina,
Onde se mescla na fundíssima bacia
A fauna florescente e a vicejante flora

Meus dias sem você... são como aquelas
longas noites de insônia e de asonia,
em que as obras se arrastam na apatia
enervante da espera. E, para enchê-las,

recordações... não poderei detê-las,
é a lembrança constante e doentia,
a lembrança que doi, que suplicia,
como um brazeiro vivo dentro delas.

Meus dias sem você... são como as noites
batidas pela furia dos segões
de uma grande tormenta. E, em realidade,

é a revolta incoñtada dos sentidos,
são meus olhos, meus lábios meus ouvidos,
acossados, como eu, pela saudade...

E tudo o que com o sal ou com o lodo se cora
— O musgo e a anêmona, os ouriços, a alga esguia —
Cobre em desenhos de uma púrpura sombra
O chão vermiculado em que o polipo mora.

Da escama esplendida os esmaltes apagando e e e
Um grande peixe vem nas águas navegando.
A translúcida sombra atravessa, indolente;

Súbito, a barbatana em foso abre e desfaldra,
E faz no azul cristal imóvel e dormente
Correr um tremor de ouro e nacar e esmeralda.

XI

O BANCO MADREPORICO

CARLOS BRANDÃO

O sol, do equoreo abismo ao fundo, numa aurora
Misteriosa, ilumina a selva emaranhada
De abissínicos corais, que enlaça a extranha flora,
A vicejante fauna, exótica e ignorada...

Do oceano, tudo quanto o sal ou o lodo cora,
— Algas, o ouriço, o musgo, a anêmona delgada,
Em sumtuoso desenho a púrpura, decora
A madrepóra ideal, branca e vermiculada...

Desmaçando o brilhante esmalte das escamas,
Um peixe, a deslizar entre as esgulas ramos,
D'água, o tranquilo espelho, indolente, respalda...

Brusco, movendo no ar a cauda fulgente,
Paz, no morno cristal, azul e transparente,
Correr um friso de ouro e nacar e esmeralda...

(“Revista Americana” de Jan. de 1918 — Pág. 79)

XII

O BANCO DE CORAL

ALVARO MARTINS

Sob as vagas, o sol — misteriosa aurora —
Ilumina a montanha lúmenas de corais,
A floresta sem fim de estranhos vegetais,
Os monstros do Oceano e a resplendente flora...

E tudo aquilo quanto o lodo e o sal corora
— Algas, anêmonas, musguedos radiosos,
E, rendilhados, faz, em traços sumtuosos,
No fundo a poredar da branca madrepóra.

— Brilhando a morna luz o esmalte das escamas,
Dos outros vegetais, por entre as verdes ramos,
Em curvas, indolente, um peixe enorme passa;

E, eléctrico, roçando a luminosa espalda,
Súbito, no cristal, com a barbatana traga
Um relâmpago de ouro e nacar e esmeralda!

Ceará.

(“Almanach Popular Brasileiro - Ano 1900 - Pág. 261)

NOTA

Acima da tradução de Alvaro Martins, escreve
Alberto Faria:

“Pouco depois, Alvaro Martins apresentou um
mero decalque desse (refere-se à tradução de Teófilo
Dias) empoçando por consonantes fantásticas, a maqui-
lhar a língua, tais como madrepóra e colara. Não
merece ser transcrito sequer.”

(Aérides, pag. 9)

(Veja AUTORES E LIVROS, n.º 9, de 10 do corrente)

Dois poemas de Virgílio Moojen de Oliveira

I

Meus dias sem você...

Meus dias sem você... são como aquelas
longas noites de insônia e de asonia,
em que as obras se arrastam na apatia
enervante da espera. E, para enchê-las,

recordações... não poderei detê-las,
é a lembrança constante e doentia,
a lembrança que doi, que suplicia,
como um brazeiro vivo dentro delas.

Meus dias sem você... são como as noites
batidas pela furia dos segões
de uma grande tormenta. E, em realidade,

é a revolta incoñtada dos sentidos,
são meus olhos, meus lábios meus ouvidos,
acossados, como eu, pela saudade...

II

Insônia

Horas longas de tortura,
no silêncio dos ruidos que morreram.
Horas negras de inquietude,
no vazio das coisas que pararam...
Horas vivas de angústia,
na impassível frigidez da noite morta...

O coração se agita.
Sente que é o momento
das confidências íntimas...

Quer falar de amores.
Quer falar das mágoas,
quer falar das dores...

E na calada lúgubre das trevas,
o eco das palavras mudas
far vibrar,
na indolência do mundo inanimado,
um silêncio dorido,
um silêncio cansado...

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXV - AGRIPINO GRIECO

Caricatura



Agripino Grieco, em uma charge de Alvaros

Agripino Grieco nasceu na Paraíba do Sul (Estado do Rio de Janeiro) em 1888, e é filho de Pascoal Grieco e de Rosa Cordeiro Grieco. Fez os primeiros estudos com o casal José Geraldo Pereira de Menezes e no Mosteiro de S. Bento, Iguazu, por concurso, funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, tendo ali tido como companheiros Luiz Carlos e Pereira da Silva. Foi auxiliar de Gabinete dos ministros da Viação Victor Konder e Marques dos Reis; professor da

História da Literatura na extinta Universidade do Brasil. Em 1935, integrando uma Comissão de escritores brasileiros, esteve em visita a Buenos Aires. Visitou depois, Roma, onde teve ocasião de ser recebido por Mussolini. Foi um dos diretores do "Mundo Literário" (com Pereira da Silva e Theo-Pinho) e um dos diretores do "Boletim de Ariel" (com Gastão Cruz). E colaborador de "O Jornal", tendo em certo tempo substituído ali Iria de Azeite, na coluna de crítica literária.

BIBLIOGRAFIA DE AGRIPINO GRIECO

- *Anjoes* — 1910 — Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.
- *Estórias multadas* — Benjamin de Aquila — Rio — 1915, 178 ps.
- Contem: Os seguintes contos: *O Pauco* — *Mãe* — *A Mulher e o Pardo* — *Crepusculo de Ouro* — *Lembranças mortais* — *O último dia de Rogério* — *Duas vidas* — *Ardia Eterna* — *O Vagabundo*.
- *Fetiches e Fantoches* — Ed. Liv. Schettino — Rio, 1922.
- *Caçadores de símbolos* — (Estudos literários) — Granel Livraria Leite Ribeiro — Rio.
- 1923 — 947 ps.
- Contem estudos sobre: *Pereira da Silva*, *Theo-Pinho*, *Ronald de Carvalho*, *Irmitão de Azeite*, *Hermes Fontes*, *Kneas Ferraz*, *Luiz Carlos*, *J. Geraldo Vieira*, *Raul de Leoni*, *Renato Alvim*.
- *Eroísmo da Poesia Brasileira* — Ariel — Rio — 1932, 270 ps. in 8º.
- *Exatidão da Prosa Brasileira* — Ariel — Rio, 1933, 280 ps. in 8º.
- *Viros e Mortos* — Schmitt — Rio, 1931, 280 ps.
- *Gente nova do Brasil* — Livraria José Olympio — Rio.
- *S. Francisco de Assis e a poesia cristã* — Ariel — Rio — 1935, 244 ps., in 8º.
- *Estrangeiros* — série de estudos sobre figuras e fatos da literatura estrangeira — Ariel — Editora — Rio, s. c. (1935), 424 ps. in 8º.
- *Poetas...* — Cia. Brasil

ALGUMAS PONTES SOBRE AGRIPINO GRIECO

- Barros, Jaime de — *O Demônio da Sátira* — Espelho dos Livros.
- J. A. F. — *Poesia cristã* — "Fe e Vida" — (Rio).
- Peres, Assis — *Estgio de Agripino Grieco* — *A Voz de Minas* — 30-8-1939.
- Leão, Mucio — *A margem de um crítico* — "Gazeta de Notícias".
- *Perolas* — "Jornal do Brasil" — 3-12-937.
- Lopes, Osório — *Carcassa sem glória* — *Apostamentos sobre Agripino Grieco* — 105 ps. — Livraria Boa Imprensa — Rio, s. d. (1938).
- Magalhães Neto — *Conto de Agripino Grieco e o Teatro Municipal de S. Paulo* — Dom Casimiro — 22-11-941.
- Moura, Julio — *Agripino Grieco, funcionário público* — *Vamos Ler!* — 29-10-942.
- Editora — Rio — s. d. 210 ps.
- *Carcassa Gloriosa* — Rio.
- *Epistolário* — Euliches, vol. 2º, p. 37, (1-3-949).
- É uma carta a Noronha Santos, a propósito das Memórias de Francisco Gomes da Silva, o Chaleira.
- Em 1948 a Editora José Olympio iniciou a publicação das *Obras Completas de A. Grieco*, incluindo os livros que ficaram acima referidos e mais os seguintes:
- *Zeros à esquerda*.
- *O Sol dos Mortos*.
- *Romancistas*.
- *Amigos e inimigos do Brasil*.

(Continua na página 130)

VIAJANDO — AGRIPINO GRIECO

Vou refazer a viagem que fiz tantas vezes à minha Paraíba do Sul, no tempo em que lá ia encontrar pai e mãe.

Um Diarista tupiniquim costumava dizer-me: "No Brasil só o Rio: todo o mais é paisagem. E mesmo o Rio...". Mas eu gosto da natureza e não julgo a paisagem do bom Deus inferior a do paisagista Antonio Parreiras. Quero conceder-me um prêmio de viagem pela velha terra fluminense, numa fuga pelo campo, espiando os olhos no verde à maneira de dois animais felizes e livres. Vençamos o mal do Rio, e o vício das multidões. Tomemos o trem.

A plataforma dos subúrbios não tem mais os simples visitantes de outrora, porque para pisá-la é preciso bilhete. É preciso ser passageiro, e os funcionários apontados não podem ir ali espalhar de plasma, e as raparigas, sempre estraladas pelos calões e pelos botões dourados, não podem exultar-se no boné e na blusa do conferente, à falta de bone e blusa verdadeiramente militares.

Em Cascadura, vendiam-se umas balas de ovo deliciosas, porque eram mesmo de ovo ou, se falsificadas, falsificadas com o próprio ovo, ao que acenhou velho humorista de passagem por lá.

Bento Ribeiro evoca um prefeto cuja glória municipal não val além do rio Pavuna, limite com o Estado do Rio.

Em Belém, não mais se verifica o sofrido "avanço" de outras épocas, quando empregados pouco expeditos nem cobravam os derrubadores de pirâmides de sanduíches, os que se entulhavam a pão de ló por preço inferior ao do pão de centeio. Hoje os caixeiros dessa região de pântanos mostram um ar menos impudico e servem sanduíche e sanduíche na ponta do garfo, e vidraças cautelosas defendem os pastéis de carne à semelhança dos vidros que nos museus defendem os pastéis de Quentim de La Tour. Devemos agora subir muito. Uma hipérbole de montanhas. Tudo grandioso e caçete, levando a pensar nos sermões de Mont'Alverne.

Palmeiras: aí desembarcou, há tantos anos um tisico de Medeiros e Albuquerque, a personagem do conto "Um homem prático".

Ah! lembro-me das vezes em que, indo ver a minha cidade e a minha gente, rejubilava, apesar da saudade, quando o trem atravessa em caminho, só porque comprara um livro de Eça de Queiroz e tinha ensejo de demorar-me mais com o cidadão maravilhoso que foi a língua viva da língua morta de Filinto Elísio. E nunca esqueci a expressão de certo companheiro de viagem por sinal que lusitano, sobre o autor da "Correspondência de Fradique Mendes": "Não sei como um pasceiro destes 'aconteceu' em Portugal...".

Aproxima-se a zona dos rios em "P": Paraíba, Piranhas, Paraíba, Piabinha.

Em Barra do Piraí residia o poeta Ovidio Melo, tabelião que possuiu um soneto no florilegio do Laudelino Freire.

Nesta localidade há algumas pontes. Daí alguém apeliou-lhe de "Venera fluminense". Certamente faltam os palácios de mármore, mas o cheiro dasa-velha da laguna, já registado por Maurice Barrés, achi-o por aqui, nos tempos de rapa, num curtume à beira do Paraíba.

Barra é ponto dos mais típicos: boa situação estratégica. Entroncamento das linhas de

Minas e São Paulo. Durante uma contenda política entre os dois Estados perguntel, a um jornalista do Rio, com quem estava, se com Minas se com São Paulo, e ele, que esperava a melhor oferta, me respondeu: "Estou em Barra do Piraí...".

Vejo afinal o Paraíba. Ah! este rio, inseparável das recordações da minha infância! Por que invejar, unicamente para fazer literatura, o Eurotas cheio de cisnes, quando tenho o Paraíba ladeado de ingazeiras? As suas margens andou, descalço e descabelado, Fa-gundes Varela. Bilac pescou em frente à casa de Martinho Garcez. E muita mulatinha sestrosa, das que amanhavam a luxuria hebdomadaria dos caixeiros, mergulhou em suas águas.

Mais ou menos defronte à estação de Ipranga, avulta a fazenda do capitão Mata-Gen-te, em torno à qual se teceram tantas lendas de crimes. Mata-Gen-te assassinaria todos os credores que fossem importuná-lo, todos os mascates em trânsito por aquele pedaço de mundo com carregamento valioso. O cemitério da fazenda seria dos mais habitados...

Estação de Demetrio Ribeiro, ex-Sebastião de Lacerda. Demetrio? Um esforço de memória... Sim foi ministro da Ar-cultura, pouco tempo ministro, porque lhe transferiram logo a pasta a Francisco Glicerio. "Quem é este?" — perguntou Deodoro, ao indicarem-no para gerir a pasta, da mesma forma que a personagem de Manzoni, lendo o nome de Carneades, ruiu: "Chi era costui?"

No município de Vassouras fundou-se uma fábrica de "cre-me suizo". Também conheci no Rio de Janeiro uma "fábrica de vinho do Porto".

Juparanã, anticamente Desengano, voltou a ser Desengano. Mas nome para os cidadãos fracos do peito que procuravam essa povoação para tonificar-se, na época em que a tosse não era uma chalatância, truque literário de tísicos de profissão, de falsos Antonios Nobres que não morrem nunca, vivendo confortavelmente da renda dos supostos bacilos de Koch. E o pior é que, desembarcando, o cidadão fraco do peito distinguia logo, encostado à janela da estação, um funcionário corcunda, o agente, com um ar de acó-bol pensativo à beira da lagôa.

Parte daí o trem para Valença. Esta cidade se me afigurava prestigiosa porque me diziam haver, em sua principal biblioteca, uma coleção da "Revue des Deux Mondes" anotada por Guizot. Quase fiz despesa só para ver a letra de Guizot, quando ainda acreditava em Guizot. Hoje não viajaria tanto nem para beber uma garrafa de vinho.

Sebastião de Lacerda já foi Comercio. Alguns dos mais belos pomares admirados por mim. Eram frequentes os assaltos dos caixeiros viajantes aos sambaris de mangas, à hora da partida do trem. Os homens faziam assim espírito cal-xeiresco em viagem. Mas o excelente Sebastião, dono das mangas e que por vezes assistia a esses assaltos, levava liso em conta e os vendedores nada sofriam.

Sebastião gostava de viajar. Criatura expansiva e culta, reconstruía na palestra os amenos episódios da juventude distante. Ofici dele o caso do luso que disse a um adversário: — Você não se enganou "redondamente" e sim quadradamente..."

Outra coisa: na estação de Comercio, enxergava eu em

passando por lá, quer de dia, quer de noite, um sujeito magro que parecia roído por incurável amargura. Impresionei-me com esse tipo. Quem seria? Um romântico. Um infeliz que não podia isolar-se, que inclivel remora obrigava a locomover-se sempre? Depois vim a saber que o homem era apenas hoteleiro e lá a estação à cata de hóspedes...

Carlos Niemeyer desfrutava o frescor da mata. Ótimo sítio para uma arcadia, não fossem as cobras. Ou, dadas as cobras, ótimo sítio para um prêmio de poetas da capital.

Andrade Pinto é mutação de Peti. Encontrei em fazenda das vizinhas um político português emigrado, o barbaquão Trigueiros de Martel, surdo como um devotor no dia primeiro do mês. Na localidade residiam parentes do ator Montedoncio, que recebeu dos avós o segredo dos espelhos venezianos, segredo agora muito bem guardado numa sepultura do Brasil.

Aproxima-se a formosa Boa Vista, hoje Vieira Cortes. Lembro-me desse engenheiro da Central. Era um senhor com cara de quem se sente enjoado a bordo. Os grupos em que se metia ficavam com aspecto de velório. E deram o nome de pessoa tão fúnebre a um dos mais lindos recantos do Brasil!

Vem agora chegando a minha Paraíba do Sul. Chacrinha, Cruz das Almas, onde um marido clumento afogou a esposa, que o povo ingenuamente canonizou, chamando-a de Santa Josefa e erigindo-lhe uma capela em que se rezavam constantes ladainhas: a Porteira, Suburra a preços módicos onde a gente via de que cor eram as Aspasias e as Prínceas dos nossos sonetistas parnasianos.

Alí está, finalmente, a minha cidade, ali estava, há vinte anos passados, alguém, na estação, de braços abertos, para amarrotar-me de encontro ao peito.

Ficarei por aqui. Sei que já não tenho meu pai, que tudo se despoçou para mim: "Un seul être vous manque, et tout est dépeuplé!" Mas vou embuecer-me nas árvores e nas colinas da minha terra. Depois, um pulo à casa do estudioso Pedro Gomes da Silva, que começando gerente de hotel, acabou eninando história ao Viriato Correia, segundo esreveu espiritualmente o R. Magalhães Junior...

E, uma vez que me encontro no torrão natal, peço ao vigário que me forneça cópia do meu assentamento de batismo. Para que? Simplesmente para isto: entrei no período das "memórias" e quero sublinhar certas nubécias dos meus primeiros tempos no planeta.

O reverendo Acquafredda, reportando-se à folha 168 verso do livro número V de batizados, da freguesia de São Borja e São Paulo, fornece-me a certidão e em suas linhas leio, entremecido, o nome de dois italianos, Pascoal Grieco e Rosa Covellia Grieco, pai e mãe de um brasileiro que nunca os olvidou. E acho também o nome dos que me levaram à pia de água lustral, Bernardino Joaquim Pacheco e Josefina Matilde Pacheco.

Bernardino, inteligência aguda e incapaz de pacheques, era o primeiro jornalista da cidade.

Mas, diante da certidão, o que mais me impressiona é que ali se chamam, sem intenção maldosa, de "inocente". O inocente Agripino, nascido a 15 de outubro e batizado a 2 de dezembro. (Continua na página 134)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXV - AGRIPINO GRIECO

OS DOIS ULTIMOS CAPITULOS DE ISAIAS

CAPITULO LXVII

AGRIPINO GRIECO

Visão de Isaias, filho de Amós, a qual vi sobre o Rio e arredores, nos dias de Prádo Júnior, Coriolano e Clementino, dominadores da cidade.

2 Ouvi, ó céus, e presta ouvidos tu, ó terra: porque fala pela minha boca a voz do Senhor, e o Senhor me assegura que seus filhos, fartamente nutridos por ele, nesta Canaan rica em favores e frutos, se voltaram contra ele.

3 O boi é grato a quem o conduz a um pasto vicioso, e o jumento agradece ao dono a palha e o conforto da mangedoura, mas o povo a quem Jehovah deu os diamantes de Minas e as carnaubeiras do Norte, esse povo se abre em iniquidades que inspiram ao Criador o arrependimento de tê-lo criado.

4 Por toda a parte o pecado, os ricos genúflexos diante do Moloch dos bancos, a adoração aos empilhadores de moedas, e os homens rebeldes à teocracia, acclamam sem repulsa o canga e o cabresto da plutocracia.

5 A capital moderna é uma Nínive com tabernas e harems de vinte andares, é Babel com método Berlitz, é a paródia sacrilega das cruzes de brilhante sobre o calvário escavado do colo de cortezas quinquenárias.

6 O Senhor dos Exércitos, que asombrou Moisés no Sinai, é hoje menos temido que o ministro da Guerra, e o próprio Moisés, se renascesse, acabaria vendedor de joias ou gerente de casa de penhores, lá para as bandas da rua Luiz de Camões.

7 Os jornalistas, máis succedaneos dos cronistas de Israel, dos analistas dos feitos de Josté e David, levam a sua ruim mercaderia às habitações, de manhã cedo, exatamente na hora em que delas sai o lixo para as catroças da limpeza pública, o que não sei se trará vantagem na troca ao dono da casa.

8 E agora esses espalhadores de vaidade lembram-se de perturbar as famílias com detestáveis concursos de belem, pagando terras de Deus em que se freiam e morrem tantos míseros prelos escravos que traziam os doces nomes bíblicos de Jeremias, Ezequias e Malaquias.

9 Que importam os chá dançantes em benefício de hospitais, os dedos torcidos que abotam o transeunte no dia do flôr, os prantos à leitura do último suicídio de Madureira ou da hemoptises da heroína de Ardel que tosse a sua tuberculosa literária num lenço de rendas da Bretanha perfumado a Houbigant? O que eu quero são corações e não lágrimas de vidrilho, quero a esmola oculta, quasi envergoadas de si mesma, e não a caridade elegante, que só se exerce diante de repórteres e de máquinas fotográficas.

10 Sim, a alma de vossas mulheres está manchada pelo demônio do luxo. As salas de hoje são mais curtas que as da antiga Diana Caçadora e os bichos de seda em breve deixarão de fiar por falta de freguezas, tanto as adolescentes e mesmo as matronas de hoje evitam embalar o corpo em tecidos incomodos, sendo que, quando uma delas usa mangas longas, não é por pudor, mas para esconder algum escama.

11 O Senhor detesta o incenso desses vasos de abominação e irrita-se ao ver juntarem-se diante dele, em atitude de prece, as mãos que se poluíram no sangue, no ouro e na lascívia, as mãos friorentas que ou se aquecem em luvas de pelica ou nas algibeiras do próximo.

12 Ah! este século de carnaval e boxe, de feminismo e sufrágio universal, de vitrolas e adubos químicos, é bem uma curva da morte, um fim de raça, a provocação a um novo dilúvio, e desta vez com creolina.

13 Tempo nefasto em que a palavra Mãe é termo obscuro e faz rir, e provoca protestos do auditório; em que as mulheres são mães de romances e poemas e não querem ser autoras de filhos; em que os filhos mal têm tempo de conhecer os pais em casa, onde uns e outros não param nunca, e só vêm a conhecê-los direito numa noitada do Casino ou do Municipal. "Ah! E' papai! Supunha-o tão diferente! Enfim, muito prazer em conhecê-lo e sempre às ordens!"

14 Mas, ainda e sempre, o que mais me entristece e enraivece é ver criaturas animadas pelo sopro do oleiro do Eden, criaturas destinadas ao amor de um só homem, e talvez à sublime profissão da maternidade, serem, em campeonatos públicos, profanadas pelo olhar

olhar que despe e morde, de tantos varões em que há muito de macaco, de bode e de suíno.

15 Não levarei a minha ferocidade ao extremo de aplaudir os tempos em que as filhas de Eva preferiam morrer com um cancrio no seio a permitirem o toque dos dedos de um ciursião que lhes exasperava a pudicícia hereditária. Sofro, todavia, ao pensar que a um acadêmico senil, tecedor de ficções obscenas como o "Album de Caliban", "O Arara" e o "Fruto proibido", contos e novelas que espalham um cheiro ambiguo de solfatar, fosse concedido o direito de farejar, de cócras ou nas pontas dos pés, os contornos e reentrâncias de ingenuas meninas mal saídas da sua aldeola provinciana, do seu casinholo próximo ao Julio fotografo ou à pensão paraibuna. Ingenuas crianças condenadas a retornar a essa obscuridade roceira, humilhadas pela derrota, depois de haverem sido algo de semelhante ao sonhador-acordado que, nas Mil e uma Noites, foi califa de Bagdad apenas vinte e quatro horas...

16 Tenteiada exatamente pelas frases desse romancista frascario, que costuma, dizer-se o Último Heleneo, apesar da sua cor de grilo torrado e de suas pernas bambas de seresteiro-gingador do Sacco do Alferes, vossa gente gosta de falar muito no "canon" clássico dos gregos, e, ainda agora, as candidatas ao cinturão de ouro da beleza nacional foram vistas em pose no corredor da Escola de Belas Artes, junto a um Venus de Milo em gesso, para estudar-se a provável identidade de formas entre a estátua mutilada de Aphrodite e as vassas lindas mas nem sempre harmoniosas patriarcalistas. E o detalhe da medição a terna não encerra qualquer coisa de hilariante, fazendo pensar num "haras" de seleção humana, sob as vistas do aferidor de pesos e medidas da Prefeitura?

17 Venham lá falar-me em "maillo"! A meu ver — não fosse em um velho profeta da Palestina barbaqueado e malcriado, um panfletário ao ar livre, um eterno opositorista sem jornal — a meu ver, essa mala nudez é muito mais excitante que a nudez completa. Deus fez Eva nua e o Diabo fez o "maillo" de folhas com que a esposa de Adão se apresentou aos olhos de Jehovah, depois de engulir a maçã.

18 E, além do tal novelista lúbrico, no juri destinado a escolher a mais Brasil, figuraram o pintor Chambelland, com o seu ar sombrio de quem acaba de tomar óleo de ricino por um canudinho de palha; o escultor Cunha e Mello, que foi grande artista no quadrilê em que o irmão Miguel era secretário do presidente Bernardes, e o dr. Leitão da Cunha, varão da minha particular simpatia, dada a rapidez com que vem remando implacavelmente, na Faculdade de Medicina, sucessivas gerações de alunos avessos à anatomia patológica.

19 Quanto ao pintor Amodeo, é um macróbio das tintas, é tão velho que deve ter convivido com Raphael Sanzio de Urbino, se é que não limpou os pinceis e não preparou a palheta de Farriasso ou de Apelles. Seu talento está para a arte moderna como uma coleção de numismática para o dinheiro corrente, que todos os vendelores aceitam. E os seus conhecimentos em matéria de plástica feminina ficaram clarissimamente evidenciados nas mulheres teratológicas com que ele converteu certo trecho do Teatro Municipal em museu de abortos.

CAPITULO LXVIII

Tais os julgadores desse certamen de indústria jornalística. E, às voltas com os nomes desses senhores avidos de publicidade, andaram os nomes das gentis Marias ou Mariettas vindas do Norte e Sul, em combolo, em avião, em navio do Lloyd.

2 Navio do Lloyd... Isto vem lembrar-me as cerimônias civis a bordo de náus da esquadra, com solene "speech" do comandante e "hurrahs" da marinagem. Cerimônias civis que, por seu lado, me recordam a gravidade marcial do major de polícia que acompanhava uma das misses ao Rio, servindo-lhe de ajudante de ordens, ativo e erecto no automóvel como se acompanhasse a própria duquesa Beilona em carne e osso. Ou me recordam o telegrama que uma delas enviou ao seu Estado natal, com um ar heróico de dona Anna

Nery a caminho da guerra do Paraguai, como se isto de estar entre perfumistas, modistas, cabeleiros, manicuras, pedicuras e copeiros, num hotel confortável, e sem gastar nada, fosse proeza de amazona da Thracia ou de mulher-soldado das legiões do Causaso. Quantos rapazeiros inativos atropelando-se em frente ao hotel das misses e provando, ainda e sempre, que, neste país, patriotismo, mesmo patriotismo estético, só serve para manifestações de apreço, e estas, por sua vez, só servem para interromper o trânsito.

3 Ah! quanto ao val americanizando, no mau sentido, no sentido yankee, o estúpido mundo deste estúpido começo de século! Onde, já agora, a matrona orma, cujo maior orgulho, constante de seu epitáfio, é que sabia fiar lá e dirigir bem cozinha e copa? Hoje, as garotinhas, as surias mal despregadas das falxas maternais, ufanam-se dos seus méritos públicos de declamadoras, de chauffeuses, de nadadoras, de remadoras. Pobres criaturas, que, colhidas pela nevrose do anúncio, da exibição mundana, querem ter dois sexos e acabam não tendo nenhum...

4 Um mau de vaidade, eis o que foi em conjunto esse mostruário, anatômico, talvez comparável ao dos modelos vivos dos grandes costureiros para senhoras, de Paris. A rigor, qualquer exposição de cereais ou de legumes é cem vezes mais útil, mais inteligente e, ao menos para os vegetarianos, muito mais apetitosa.

5 Jornalistas! Miseráveis almas de estopa e de estanho, gente para a qual a manhã de Deus jamais ralará! Que de ambições e esperanças não semearam esses semeadores de joia na credulidade quasi infantil das vinte concorrentes, sem pensar que, de regresso, há de pesar-lhes a mediocridade dos namoricos e dos bailaricos de provincia, e que é assim que se formam as descontentes, as derrotistas do lar burguês, as sonhadoras românticas que replem as pretensões idílicas do carteiro ou do agente da estação, só porque esperam pelas riquezas imaginárias do marquês de Carabas ou pela aparição miraculosa de Haroun-al-Raschid.

6 Bem me lembro, a esta altura, do versículo 16 do capítulo III do meu livro de profecias, quando zurei "as filhas de Sião que andavam com o pescoço enroscado, fazendo acenos com os olhos, e andavam com dançando e cascavelando com os pés". Trecho esse que, aliás, corre mundo, em centenas de edições, sem que os editores se dignem de pagar um só vintém aos meus possíveis herdeiros. Trecho que Baudelaire, poeta católico, parafraseou numa das suas poesias mais famosas, quando disse da respectiva bem-amada, por sinal que uma preta, a preta Joanna:

Même quand elle marche on croirait qu'elle danse,
Comme ces longs serpents que les jongleurs sacrés
Au bout de leurs bâtons agitent en cadence...

7 Não é, porém, aí que quero chegar. Quero, sim, acentuar que Deus, mais tarde ou mais cedo, castiga os que pecam pelos olhos, os que se repastam na própria beleza, os Narcisos de calças ou de saias. E aí então das bonecas desdenhosas que se aupem destinadas à beleza vitalícia de Ninon de Lenclos, a desposar, como Esther, o rei Assuero, ou a suceder a uma Aline de opereta no reles cargo de rainha de Trebizonda.

8 Ai delas! O Senhor tornará linhosas ou calvas as mais lindas cabeças, partirá os colares de lanteroulas, romperá os ornatos de europeus e pequisbegues, abrirá nas faces sulcos de rugas para que as lágrimas escorram melhor, fará levar as joias ao Monte de Socorro, que as recusará por serem de plaqué, e dará aos vestidos uma velhice tanto mais triste quando mais belos e suntuosos forem eles.

9 E nesses dias de crepusculo, á debandada dos admiradores, ver-se-á que não deixou de haver algo de profético no gesto do diretor de uma companhia italiana, com fillal aqui no Rio, ao remeter à miss triunfante uma apólice de seguro contra possíveis acidentes. E a soberana destronada terá, já então, enaje de, a um canto da sala em que se velaram todos os espelhos, num ato de respeito à formosura extinta, folhear melancolicamente o volume da "Cura da fealdade", do dr. Renato Kehl, que, segundo me informam, o sr. José de Mattos, da livraria Quaresma, vel gentilmente oferecer à vencedora do concurso...

(Vivos e Mortos)

JOSE ALBANO

AGRIPINO GRIECO

Joné Albano, o autor das "Redondúhas", afina a cultura na elegância.

Venho de falar em elegância. Muito se tem abusado deste vocabulo num país que vive a copiar as modas europeias, as da indumentária como as de dentro. Quantos homens haverá entre nós verdadeiramente elegantes, dignos de competir com o conde d'Orsay ou com o duque de Palmella? O que se vê por aqui é muita fazendo cara e bono talhada em desgraciosos cabides ambulantes.

De mim para mim, só me recordo de ter defrontado um homem cuja distinção de maneiras me fazia pensar nos lobes do Segundo Império francês ou na Espanha cavallheires-

ca dos sombreiros emplumados, das gargantilhas e dos punhos de rendas. Foi, exatamente, o poeta José Albano, que eu conheci à porta da livraria Garnier, há quase dois séculos, com uma cabeleira que esvoaçava sob o halo negro do chapéu de abas largas, com uma gravata de laço mais complicada que uma operação algebrica, um monoculo inamovível que nem um terremoto atalajara e uma bengala flexível, de aspecto misterioso, lembrando a vara dos descobridores de fontes subterrâneas. Esse intelectual sabia envergar a casaca ou a sobrecasaca, sabia andar na rua, sabia rir, sabia conduzir-se num salão. Metendo nas barbas de mago

chulaído umas mãos de cardal moço, gostava de conversar e sua conversa era um folhetim, um anedotário; ouvindo-o, tinha-se a impressão de ver esses acrobatas que atravessam um salto aros de papel em chamas, e, quando ele nos talava de suas viagens, era como se fôssemos um livro de liguras ou como se nos desgracássemos sobre uma carta geográfica.

Apesar de nunca perder a linha do traje e das palavras, amava o lazarismo espiritual dos boemos e teve uma vida emboirada por mil complicações. Intimamente, era um triste, era um dos tais que nascem com uma chaga no coração. Por isso, há um sabor

de alma nos seus versos líricos, que nos prendem pela profundidade da emoção, ao mesmo tempo que nos encantam pela oçura prosaica, que é não

raro dogura melancólica, versos reverberados de uma sensibilidade que vibrava ao mínimo toque, versos que valem por música.

(Continua na página 138)

A VIDA DOS LIVROS

BARRETO, LIMA — *Triste fim de Policarpo Quaresma* — Gráfica Editora Ltda., São Paulo, 1948. 397 pgs.

Os romances de Lima Barreto atingiram já aquela difícil região da existência consagrada, da plena e incontestável glória. Sabemos que aqueles são livros clássicos de nossa literatura. E percebemos que são para nós a hora das edições perfeitas, ornadas das melhores notas, valorizadas pela escolha do melhor papel, do mais belo material tipográfico... A edição que agora a Gráfica Editora Brasileira nos dá do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, embora não traga ainda as anotações sabias nem os comentários sutis, já revela que se trata para Lima Barreto aquela atmosfera de carinho eprimorosa, que só merecem ter os autores definitivamente incorporados à glória e à celebridade.

Pobre Lima Barreto, sempre em vida desenhado pelos literatos profissionais, sempre ferido os preconceitos e as convenções burguesas! Quando imaginamos de ver-se na posição em que se acha hoje — a de ser um bom negócio para as livrarias, a de ser um centro de admiração entusiástica para os leitores!

Os principais romances de Lima Barreto são a trilogia *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de J. M. Gonzaga de Sá*. Nesta trilogia, cada número tem o seu carácterístico especial, e só pelos títulos de um gosto pessoal será possível dar o primeiro lugar a um ou a outro. As *Memórias de Caminha*, é um romance à clef, a crônica de uma redação de jornal, e nele cada personagem fictício corresponde a uma figura viva. Tem assim, as vantagens e os defeitos (estes naturalmente são muito mais numerosos do que aqueles) dos livros do gênero. *Vida e morte de J. M. Gonzaga de Sá*, que foi o último trabalho de Lima Barreto, é um romance filosófico, de tom íntimo e introspectivo, e se apresenta com certas novelas de Anatole France e de Machado de Assis; é, a nosso ver, o mais belo momento de toda a obra do romancista.

Entre os dois coloca-se *Policarpo Quaresma*. É, por assim dizer, o mais romance dos três. Quer dizer, é aquele em que a narrativa se acha mais equilibrada, aquele em que a paisagem se acha melhor traçada, aquele em que se movem mais verdadeiros seres humanos, já sem falar de Florianópolis, que Lima Barreto nos pinta ao vivo, alguns tipos aqui existem

que, com o tempo hão de se tornando cada vez mais conhecidas e familiares aos leitores, por exemplo, excessivo em seu incoerente patriotismo, achando que tudo no Brasil é perfeito, e caminhando para aquele estranho declínio no qual chegava ao extremo de querer decretar para o nosso país, como língua de uso comum e oficial, o tupi-guarani; o de Ricardo Corrêa dos Santos, sempre com um verso nos lábios, sempre com um violão nas mãos; o do dr. Armando Borges, o marido de Olga, a doce filha do Major Quaresma)...

Este dr. Armando Borges deverá ficar como o herói representativo de certa classe de literatos. Tinha ele o hábito de escrever em estilo comum, usando os termos que qualquer de nós usa; depois disso metia-se pelos dicionários a dentro, a catar palavras raras, vocábulos de aparência estranha, com os quais pudesse substituir os termos vulgares. Obtinha — que ele chamava *traduzir para o clássico* — com isso uma forma literária das mais exóticas; mas ele cria que estava produzindo altíssima literatura. Lima Barreto dá uma pequena ideia do que fosse o vocabulário daquele clássico. O dr. Armando não escrevia *incomodar*, porém *molestar*; nem *buraco*, porém *orifício*; nem no *redor*, porém

derredor; nem *isto*, porém *isto*; nem *quão grande*, porém *quamanho*. E adorava as expressões *ou invés*, *empós*, *as rebatinhas*. — Quantos doutores Armando Borges não temos nós conhecido, como esse personagem de Lima Barreto acaba por fixar-se em nosso espírito, como um modelo de certas correntes acadêmicas!

Uma das mais humanas do *Policarpo Quaresma* é a da pobre Ismenia, a noiva eterna, a que morreu de tristeza e de dor por ter sido despedrada pelo noivo. Eis como Lima Barreto conta o último dia dessa desditosa moça: "De quem ela se lembrava com raiva era da carismante. Ijudando sua mãe, acompanhada por uma criada, tinha conseguido consultar Mme. Sinhá. Com que indiferença ela lhe respondera: Não voltai! Aquela deu-lhe... Que mulher mal! Desde esse dia... Ah!... Acabou de abotear a saia em cima do corpinho, pois não encontrara colete; e foi ao espelho. Viu os seus ombros nus, o seu colo muito branco... Surpreendeu-se. Era dela aquilo tudo? Apalhou-se um pouco e depois colocou a coroa. O veni afagou-lhe as espáduas carinhosamente, como um adejo de borboleta. Tere uma fraqueza, uma coisa, deu um al e caiu de costas na cama, com as pernas para fora... Quando a vieram ver, estava morta. Tinha ainda a coroa na cabeça, e um seio, muito branco e redondo, saltava-lhe do corpinho".

Por último é preciso chamar a atenção para aquele aspecto do *Policarpo Quaresma* que mais que qualquer outro a este livro dá o grande e revelador lugar que ele tem no conjunto das obras do romancista carioca: é a intensa e permanente preocupação do louco, da loucura, que em suas páginas acha-mos: Filho de louco, Lima Barreto viu bem de perto esse supremo calvário das desgraças humanas. E é na descrição do Hospício de Alienados, é nas reflexões que aquela casa de miséria e dor lhe despertou, que ele compõe as melhores páginas deste romance. Talvez possamos dizer que as páginas que em *Policarpo Quaresma* se relaciona com a loucura são mesmo as mais tristes e as mais doloridas que ele no decurso de toda a sua vida escreveu. Lima Barreto.

BELMONTE — *No tempo dos Bandeirantes* — Desenhos do autor, 4.ª edição revista e aumentada pelo autor. Edições Melhoramentos, — São Paulo, s.d., 231 pgs.

Belmonte — Benedito Bastos Barreto — faleceu o ano passado, deixando uma simpática bibliografia, de historiador, de autor para crianças, de artista da pena. Entre seus livros destaca-se, sem dúvida, aquele *No tempo dos Bandeirantes*, no qual o escritor retoma o tema de Afonso de Taunay, de Alcântara Machado, de Cassiano Ricardo, de tantos outros eminentes autores paulistas, justa e patrioticamente fascinados pelo heroísmo dos Pais Leme: dos Borbas Gatos, dos Anhangueiros.

Trazendo lindos desenhos, escrita em linguagem simples, agradável, alguma vez até poética, esta outra história das bandeiras paulistas nos parece destinada principalmente às gerações novas, e, entre estas, aqueles que já chegaram à adolescência. Do mérito de Belmonte como historiador, digam-se estas palavras de Flínio Barreto, escritas a propósito da 1.ª Edição de *No tempo dos Bandeirantes*: "Sem o pedantismo arrogante dos historiadores bravos e carrancudos que fazem da história uma propriedade privada onde ninguém pode entrar sem licença especial, com a linguagem singela e precisa de que habitualmente usa, com bom humor e naturalidade, Belmonte introduz-nos na familiaridade dos paulistas de outrora, mostrando o que pela havia de simples e de heroico. Livro útil para os que amam as antessas mas não são capazes de fazê-las, ou não dispõem de tempo e de meios para fazê-las".

AUBRY, Octave — *História da França. Das origens ao tempo presente*. Tradução de Marília Pederneras. Instituto Progresso Editorial S.A. São Paulo, 1948, 417 páginas.

É o primeiro volume da Coleção Minerva — História.

Octave Aubry, da Academia Francesa, tornou-se um nome familiar a todos os que estudam a história contemporânea. Apaixou-se, como Masson, por Napoleão, e tornou-se um incomparável conhecedor da vida do grande corso. Mas a sua paixão pela vida e a obra de Bonaparte é apenas um aspecto de uma outra paixão muito maior e muito mais bela: a sua paixão pela França, pela maravilhosa história do povo francês.

É a essa maravilhosa história que Aubry sente necessidade de refulgir, agora, depois do drama da guerra e da conquista hitleriana. Como depois de

O papel da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco no terreno da Assistência Social


Um dos mais importantes problemas nacionais, que exigem um grande esforço no sentido de sua solução, é o da assistência às classes pobres.

O Estado de Pernambuco, nesse setor, está na vanguarda dos Estados brasileiros. Enquanto no Brasil inteiro dispense-se a quantia de Cr\$ 42.000.000,00 em Assistência Social, o glorioso Estado nordestino dispense, por si só, Cr\$ 13.400.000,00, ou seja, mais de um terço do que se gasta em todo o território nacional.

Dentro do vasto programa de assistência social a ser desenvolvido por aquele Estado no próximo ano, avulta, com singu-

lar destaque, o plano da construção de um grande hospital, por iniciativa da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco. Segundo nos foi informado, esse hospital — que constará de uma clínica, de uma maternidade e de um ambulatório — terá 300 leitos, para todos os associados e funcionários, abrangendo a edificação uma área total de 9.000 metros quadrados. Será construído no local denominado "Sobrado Grande", no moderno bairro da "Madalena", em Recife, e terá 6 pavimentos.

É esta uma iniciativa digna dos maiores elogios, e estamos certos de que os seus autores receberão a gratidão e o reconhecimento do povo pernambucano.



LIVROS IPÊ
EDIÇÕES DE QUALIDADE

NAS LIVRARIAS
procurem
OS MELHORES
LIVROS DO DIA!

Koestler: "CRUZADA SEM CRUZ" — O livro do sofrimento e do desespero, que se resolve na resignação e no heroísmo. Cr\$ 40,00

E. e C. von Künhelt Leddin: "MOSCOU 1919" — Uma incursão lógica e fantástica no futuro da Rússia e do mundo. Cr\$ 40,00

Koestler: "O ZERO E O INFINITO" — O livro da revelação e da verdade. Cr\$ 40,00

Choromanski: "CIUME E MEDICINA" — Um romance que realiza uma nova fórmula: as paixões eternas descritas e vividas, num estilo absolutamente inédito. Cr\$ 38,00

Zilahy: "OS DOIS PRISIONEIROS" — A obra-prima do célebre escritor húngaro; o livro que comoveu o mundo. Cr\$ 50,00

Aubry: "HISTÓRIA DA FRANÇA" — A história que chega a ser drama que se torna história. Cr\$ 75,00

Momigliano: "HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA" — Um maravilhoso passeio pela paisagem ensolarada da poesia e das letras peninsulares. Cr\$ 85,00

Chostakovsky: "HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA" — Um livro que é preciso ler para o conhecimento da alma russa. Cr\$ 75,00

Rivet: "AS ORIGENS DO HOMEM AMERICANO" — As mais modernas pesquisas das origens do homem do novo continente. Cr\$ 35,00

Zingarelli: "TRÊS IMPERIALISMOS EM LUTA" — O mais completo estudo da realidade política atual, num mundo sem paz. Cr\$ 35,00

IPÊ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Queiram enviar-me, por
Reembolso Postal, os seguintes
Livros:
Nome
Rua
Cidade Est.

**INSTITUTO
PROGRESSO
EDITORIAL S.A.**

A VIDA DOS LIVROS

1815, de 1870, de 1919 (explicação de) os franceses de 1947 sentem a necessidade de relembrar os feitos dos seus heróis, a obra de suas antigas gerações...

É, realmente, a história da França é um espetáculo de mentes, de promessas e de esperanças, mesmo nas horas mais angustiantes. A França tem aberto ao mundo, depois de Roma, todos os grandes caminhos. E há, em seu espírito e em seu gênio, uma garantia de eternidade. Como é feita, essa fascinante alma francesa, para escher de ódios, de intuições de destruição, a alma dos bárbaros, incapazes de sentir os efeitos da harmonia, da arte, da cultura, que ela exalta!

A História da França, de Aubry, inicia-se com as noções essenciais acerca do que constitua o antigo território gaulês, no tempo em que César era senhor do Mundo. Mas essa era — que Aubry estende até o advento dos Capetos — é tratada em síntese, nas trinta páginas de uma introdução. Vem depois os estudos sobre a Era Feudal, a Era Monárquica, a Era Burguesa e a Era Democrática. O capítulo final desta última Era intitulou-se *Hüter e a Ruína Universal* e nos traz até a libertação de Paris e ao general Lefevre (1944). Mas não é essa a última página do livro: a última página do livro é a intitulada — *A Grandeza pelo Espírito*. E nela Octave Aubry dirige um dramático apelo a todos os seus patriotas, um apelo para que tenham coragem e vigilância — as qualidades que não de impedir que o eterno inimigo, a Alemanha, volte a armar-se, como em 1914 e em 1939, lançando trágicas ameaças sobre a própria existência da França.

Dionísio Cerqueira — (Estado bio-crítico) — Rio, 1948, 43 ps.

Dionísio Cerqueira — o General Dionísio Evangelista de Cerqueira — é um tema vasto, que merece e mesmo exige comentaristas e biógrafos. Mostra-no-lo agora Umberto Peregrino, nesse ensaio rápido, em que fixa tantos ângulos da qual varião brasileiro. Militar e político, engenheiro e diplomata, geógrafo, memorialista, historiador, escritor — eis alguns dos ângulos pelos quais

pode ser vista a sua rica personalidade.

Pondo de lado as outras revelações do espírito do General Dionísio de Cerqueira (Umberto Peregrino, não sabemos por que motivo, suprimiu a partícula do nome do seu biografado) o que nele nos interessa sobremaneira é a sua qualidade de escritor militar. Na literatura brasileira ficou ele colocado em um belo lugar, com as suas *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. E nesse vão de estante encontra-se ao lado de autores gloriosos como um Tivadar, com a *Retirada da Laguna*, um Rio Branco, com tantos estudos e principalmente os comentários ao Schellier, um Euclides da Cunha, com "Os Serões". Sobre-se — e Umberto Peregrino agora torna a contar — como nasceram as *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. O General Dionísio de Cerqueira que magna parafusa na campanha, contentava-se, de certo, com ter lutado nos campos do Paraguai, e não pensava a dar forma escrita às lembranças que ainda trazia da luta. Certo dia, porém, começou a redigir umas notas para a revista *Os Anais*, de Domingos Olímpio. Tiveram tanto êxito essas notas que, por insistência de amigos, deliberou o general ampliá-las, dar-lhes forma e consistência de livro. Feito o livro, entregou-o a um editor francês (que Umberto Peregrino diz não estar identificado). Revia suas últimas provas em Paris, quando faleceu, a 15 de fevereiro de 1910. O livro ficou sendo, portanto, uma obra postuma. E sua 2ª edição só apareceu em 1929, dada pela casa Garnier.

As *Reminiscências* de não ao mesmo tempo uma narrativa militar, um livro de história, e às vezes mesmo uma crônica pitoresca. Dionísio de Cerqueira preocupou-se também com o que é pitoresco e documentário, e com observações desse gênero enriquece o interesse de suas páginas.

Achamos no livro de Umberto Peregrino algumas observações dessas, e uma delas é a que se refere à alimentação das tropas. Dionísio mostra a miséria da alimentação do nosso Exército, no tempo do Conde d'Eu: "Os nossos extraordinários eram bolachas duras como tábuas, que poderiam, em caso

de necessidade, servir de mestrilha; e alguma lata de sardinhas de Nantes, que custavam preços fabulosos...". Acrescenta ele que entre os soldados mal alimentados corria esta quadrinha anônima:

Osório dava churrasco
E Polidoro farinha,
O marquez deu-nos fuba,
E sua altesa, sardinha.

O biógrafo de Dionísio de Cerqueira procurou fazer com este estudo um trabalho não só de biografia, não só de reconstituição de uma vida — mas também um trabalho de crítica, de puro comentarista e analista literário. Nesse sentido chama a nossa atenção para algumas passagens em que Dionísio de Cerqueira atinge, pelo eloquência e o calor da frase, um nível realmente literário. Entre as frases que assim vão em destaque, creio que ferirá a imaginação de qualquer leitor aquela página em que o General descreve os perigos da noite, quando o nosso Exército se achava cercado de inimigos, e mostra o risco que haveria em apenas rasgar um fustão para acender um cigarro. O General acrescenta: "Todo clarão alumiava o caminho da morte".

Não é, realmente, uma imagem forte e expressiva, digna de uma página de Euclides da Cunha?

AS OBRAS COMPLETAS DE RUI BARBOSA

A Casa de Rui Barbosa, sob a direção do Dr. Americo Jacobina Lacombe, iniciou em 1935 a publicação das Obras

Completas do seu ilustre patrono, num plano que atingirá a perto de 200 tomos.

Temos, assim, numa grande edição clássica, destinada a se tornar um padrão para os empreendimentos do mesmo gênero, publicada toda a obra do maior e mais complexo dos nossos escritores.

O labor de Rui Barbosa é, com efeito, impossível de ser posto em comparação com qualquer outro. Jornalista, filólogo, jurista, epistológrafo, orador, ensaísta, crítico de literatura, crítico de arte, e tudo isso com perfeição, e em tudo isso deixando, em cada página que escrevia, um modelo do gênero.

E com que inacreditável facilidade construía essa obra de gigante! Só a sua *face de Imprensa* — quatro anos em que escreveu cerca de 600 trabalhos, em artigos e sueltos — fornece para as suas obras completas 18 tomos. E o cálculo do Dr. Americo Jacobina Lacombe.

Quando publicar todas — asseguramos que estejam todas as suas obras — a fim de servir: a comemoração do centenário de Rui — essas Obras Completas formação um patrimônio de cultura digno dos séculos.

Rui Barbosa dá ao panorama espiritual do Brasil uma importância transcendente. Só por ele sentimos que o Brasil se incorpora às grandes nações literárias do mundo. Por ele só, sentimos que temos o direito de reivindicar para nós um lugar entre os povos de cultura universal. Por ele só, podemos nos sentir em pé de igualdade com gregos e roma-

nos, com italianos e franceses. Tanto é verdade que basta um grande homem para coroar de glória um povo.

Da monumental edição de Rui Barbosa, promovida pelo governo da República, tem saído até hoje os seguintes tomos:

— OBRAS COMPLETAS, vol. VI, de 1873. Tomo I — Discursos Parlamentares. Câmara dos Deputados. Ministério da Educação e Saúde. Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1943. 338 págs. il.

— OBRAS COMPLETAS, vol. VII — 1880 — Tomo I — Discursos Parlamentares. Câmara dos Deputados — Ministério da Educação e Saúde, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945. Traz prefácio de Fernando Nery.

— OBRAS COMPLETAS, vol. IX — 1882 — Tomo I — Reforma do Ensino Secundário e Superior — Ministério da Educação e Saúde, Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1942 — XXVII — 370 — 11 págs.

Prefácio de Thiers Martins Moreira, professor da Faculdade Nacional de Filosofia.

— OBRAS COMPLETAS, vol. IX — 1882. Tomo II — Discursos e trabalhos parlamentares. Centenário do Marquês de Pombal. O desporto e a Arte Industrial. Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1948 — XXII — 334 págs.

Prefácio de José Vieira. — OBRAS COMPLETAS, vol. X — 1883. Tomo I — Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública. Imprensa Nacional. (Continua na página 135)

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA



ROBESPIERRE

A "História da Revolução Francesa" não foi feita por um mero historiador. Foi, isso sim, concebida por um filósofo e profeta. Assemelha-se-nos que o período de crítica social, vibrante e arguto, em que Carlyle se revelou, foi apenas uma introdução literária à concepção de sua obra máxima. O estilo vigoroso, os neologismos que empregava, a pitoresca desordem de seus relatos, foram tolhidos para o comentário do mais controvertido sucesso humano. Carlyle parcializa-se — e isto não vai demérito algum à obra —, enfileira-se ao lado dos revolucionários "en carnagione completa", e contribui para o êxito da revolução. Participa de suas misérias, vive seus heroísmos. Para o filósofo há senão um único herói: o Povo Francês. Ele faz o caos, ele implanta o Terror, ele lança à cesta cem cabeças por dia. Mas ele próprio vence o desdobramento, liquida o caos e depõe o Terror. Porque o Povo está uno e sabe o que deseja, embora chore a morte de Mirabeau, numa eloquente demonstração de reverência, e mais tarde lhe arrebita o busto do Salo dos Jacobinos.

A Revolução só poderia ter um comentarista: Carlyle. E Carlyle só poderia ter um tradutor: Antônio Ruas, que soube interpenetrar os sentimentos do escocês e pôde, assim, oferecer aos leitores de língua portuguesa a eloquente descrição de um sucesso eloquente.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

A VENDA EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS
OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL
NAS

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

CAIXA POSTAL 120 B — SÃO PAULO

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão

ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:

	Annual	Semestral	Trimestral
Porte simples	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
Porte registrado	Cr\$ 120,00	Cr\$ 65,00	Cr\$ 35,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5823.

Impresse nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-9881, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

Para números atrasados: os dois últimos pontos acima (além da redação).

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

O grande sacrifício

MUCIO LEÃO

Naquella tempo, eu era o chefe da comissão brasileira de demarcação de limites com o Bolívia. Levava numerosa comitiva: minha filha Almerinda, os engenheiros, encarregados da parte técnica dos estudos, os secretários de missão, os oficiais do Exército, e da Marinha, comissionados pelo governo e os "materiais", os guias das florestas, iam conosco, também, dois padres capuchinhos.

Esses padres evidentemente não faziam parte da comitiva. Quando a comissão passou em Belem, eles ali se encontravam. A espera de seguir para o Amazonas. Destinavam-se às regiões do Alto Acre, para onde iam levar às populações brancas os ensinamentos do Evangelho. Ao saberem que passava pelo Pará a comissão que regia para o Acre, esses padres procuraram-me. E com tais razões me propuseram a sua incorporação à comitiva, que, não obstante as minhas vetas, ideias positivistas, contrariadas desde as lições de Benjamin Constant na Escola Militar, accedi.

— Pois está bem, padres de uma boa companhia não se servir de boa companhia — disse eu, não sem fazer um péssimo trocadilho.

Um desses capuchinhos chamava-se Américo. Era um homem que tinha dado a vida ao ascetismo. Magro e triste, parecia viver a sonhar, entre de abstrações imaculadas. Nunca encontrei a convicção perfeita de que ele não tivesse segredos enternecidos com os anjos. Ficava à noite, durante horas inteiras, acordado da amurada do galão, a murmurar as águas do rio. E não sei por que superexcitação dos meus sentidos, muitas vezes imaginei que, do fundo das águas tranquilas, subiam rufanões de peixes, inquietas piranhas, para ouvir-lhe as palavras, num coloquio místico.

O outro, Frei Silvério, era o contrário disso. Forte e sanguineo, era um desses sacerdotes de senão pitoresco, talvez em levar ao seio da Santa Madre Igreja o bom humor, a alegria e o optimismo. Dir-se-ia um esboço das páginas brutas de Raphael. E não me lembro de que alguma vez tenha dado, tanto quanto ele, a impressão de uma completa integração com todos os prazeres. Como o antigo Noé, esse padre amava, terrivelmente, o pecado da gula. Venho ao jantar, a mesa do "galão", muitas vezes. Fiquei a retrair que, se o velho patriarca da Bíblia não tivesse desobediado a virtude das uvas fermentadas, esse piedoso sacerdote se teria sabido reservar ao desítozo glória.

A vida, naquellas regiões, é monótona, e tragicamente uniforme. A natureza, morna e fétida, parece, permanentemente, querer estimar nos nossos olhos a fraqueza de homens. As vezes, de longe em longe, nessa grande paisagem, surge cortada por um acontecimento de excepção — uma cascata ou uma presença que impressiona.

Em a época das grandes chuvas, as florestas desceem aplainar.

Mais adiante, já quando nos achávamos próximos ao território boliviano, o rio deixou de oferecer condições de navegabilidade. Interrumpemos a viagem fluvial. E conforme a opinião dos "materiais", nos internamos pelas terras hostis. Os dois sacerdotes nos acompanharam até certo ponto, de onde, mudando de rumo, se internaram em plenos sertões acreanos.

Uma tarde, os "materiais", conectores da região, avisaram-me que, naquele momento, seria uma loucura proseguir. Estávamos de frente de uma floresta ameaçadora. E, como no ponto em que nos encon-

trávamos houvesse condições de relativa comodidade, melhores do que no resto da floresta, fomos de opinião que ali mesmo permanecêssemos, pelo menos durante uma noite, para prosseguir viagem no dia seguinte. Aceito o conselho, os acampamos.

Era uma noite maravilhosa, uma dessas noites puras e cheias de amáveis, como somente os trópicos conhecem. Havia um luar principiante, no céu — mas que era suficiente para clarear de uma luzinha de leite as formas imprecisas das árvores e das rochas. E na altura ardiam enxames de estrelas, empujadas pelo esplendor da lua.

Acordámos, sob a placidez da noite agreste, no seio da floresta. Assim decorreu mansa e pacífica, uma parte da noite. Em dado momento, despareceu. Pareceu-me ouvir, fora da barraca, um vaso rumor, impaciente, por ter perdido o sono, levantar-se. O relógio marcava as onze horas. Entreabrimos a porta da barraca de pauva verde.

Tudo estava impregnado de uma suavidade de outra vida. Havia docuras penetrantes, seamedas na paisagem.

No entanto, tirando bem os olhos, descobri a alguns metros de distância, formas que se agitavam. Eram formas de homens. Meceando a surpresa de uma agressão, dei o grito de alarme, para despertar os que dormiam. Nesse momento uma enxame de indivíduos singulares, espécies de gnomos, vestidos de pêlos de animais selvagens, fulando por gritos estranhos, começou a cair sobre nós. Em breve, estávamos dominados pelo número. Que fazer? Rendemo-nos.

Era um bando de indígenas, da tribo dos Parintintim, que nos atacava.

Não de calcular vocês a angústia que aquele momento representava para mim, Almerinda abraçava-me, chorando como uma criança. E o que mais me fazia sofrer era o seu grito de terror nervoso.

— Papai, eles vão matar-nos!

Felizmente, tratava-se de uma tribo não inteiramente selvagem. Já conhecera outros civilizados. O chefe, um índio horrivelmente, de pressas de cão, entrou em contacto com um dos nossos. Depois, para nos resgatar, coisas que lhe pareciam preciosas: algum dinheiro, objetos vistosos, para uso dos seus homens, e, sobretudo, aguardente. Apresentadas as exigências, a que cedemos, o "mestre" nos explicou:

— Esses objetos são a condição que nos garante a vida. Mas, para garantir-nos a liberdade, há uma condição mais difícil, é costume antigo, entre esses índios que, quando um grupo de viajantes em de exploradores é enviado por eles, um dos prisioneiros assume com a filha do chefe indígena. Essa criança, respeitável já mais foi, quepueda, e a ela a tribo mantém uma fidelidade secular. A condição do chefe Parintintim, um de nós será a vítima, que, da de morrer, com a sua filha virgem.

Mai acabava o guia de proclamar essas palavras, eis que, entre as árvores da entrada da floresta novas formas de índios apareceram. Eram guerreiros que chegavam, seguindo uma mulher, que devia ter, talvez, vinte anos. Estava nua e tinha as carnes tatuadas. Seu corpo bronzeado era (degradado) ao nosso gosto de civilizados.

Entroabrimos nos medrosos. Qual de nós haveria de ser o novo escolhido para aquele casamento monstruoso? Qual de nós haveria de ser o carneiro de exploração de uma civilidade assim horrenda?

A resposta não tardou muito. O chefe Parintintim colocou em fila os prisioneiros. E

AGRIPINO GRIECO: SEMPRE ESCRITOR

Se fosse possível apontar os nomes de espírito, o Grieco estaria fatalmente apontado. Tem mais de trinta anos de serviço publico no Ministério da Literatura. Mas, quem consentiria em se ver privado desse valente escritor e ainda mais valente homem de opinião? Haveria cónclave solene no pretório da cultura, algo de retentemum, ao modo suizo, e os amantes do bom gosto, do saber, da erudição, diriam em massa: não, votamos contra. Que o Agripino continue na atividade, que escreva, que nos dê com suas conferências.

Seria unanime o plebiscito? Não, não seria.

Alguns grupinhos de adversários desse cidadão das letras opinariam pelo definitivo arquivamento do velho Grieco. A legião de seus admiradores, para testar a permanência do nosso homem no batalhão indígena dos vultos da pena accorria ao jardim do Meyer, algo de Jardim de Acaemus e terminos do Agripino um discurso de gratidão naquele modo muito seu, em que se afirma da raça dos tribunos de elite pela naturalidade e graça que embebera sua oração.

Falariam varios latinistas, ate mesmo o Danton Jovin.

Um dia: — o Grieco é um crítico.

Constações, gritaria, burlesco.

— Qual critico, qual nada, é apenas um panfletario. Panfletario de respeito, mas, em todo caso panfletario.

Não, senhores, não é nem critico, nem panfletario. É somente um historiador de literaturas.

Nem isso, acuzariam, mais, exclusivamente, historicista de livros nacionais, nacionalista azedo, de mau humor, reconhecista, leonardista! Será certo que o Grieco porventura vir-se a merecer esse apêdo?

Sim e não. Se, por monoclástica, não dizer um derrubador de ídolos, não e não. Se, pelo contrario, atravessamos o significado do termo e o atribuísssemos a um demolidor de mediocridades, aí a coisa estaria certa.

Ora, a realidade é simples e conhecida.

Agripino leva quantos merecem se lhes preste cortejo, quantos, no rigor do termo, são seus espiritos, todos exemplares da fauna literaria; e tão pouco por Castro Alves, quanto Theophile Gautier por Victor Hugo e se houvessemos uma "batalha de Hernani" seria o nome do "gilet rouge".

de um em um, foi-nos examinando a todos. Diante de cada um parava durante segundos, considerando. E essas considerações representavam novos parâmetros para cada examinado.

Tendo estudado, assim, a todos, concentrou-se por minutos, com uma grande ruga na testa, olhando alternativamente para a filha e para nos.

Por fim, accorreu para Frei Silvério, varão sagrado, comuna virtuosissima da Igreja. Ouviu que fosse ele a vítima da sacralidade papual e nozino.

Frei Silvério voltou para nós os olhos, como a pedir-nos que considerássemos as extremas misérias do destino. E nos acsi por que razão me parecia perder uma Rubénia marrom nos seus olhos, nos seus olhos, que sorriam um sorriso estranho, um tanto libertino... Ele baixou o taurino pescoço, como se fosse entregá-lo a um carasco invisível. Depois, abrimos largamente os braços, num grande gesto tragico, disse tantas palavras comovinas:

— Meus irmãos, eu me sacrifico pela vossa salvação!

Durante as horas do resto daquela noite, realmente, o doce irmão de Uargantua imolou, no leito de uma virgem india, para a nossa salvação, a sua imaculada virtude evangélica.

UBALDO SOARES

Mas, quando se trata de certos "curiosas gloriosas" então sim, é caustico, acido, irritavel, mordaz.

Asseguram alguns que se é imparcial com os estrangeiros, inexacto, parcial ou imparcial — diga-o o leitor — seus estudos são admiráveis de justiça e erudição, e não há mistar mencioná-los. Basta que se leiam os capitulos que constituem os "Estrangeiros" que superam, no genero, os de José Verissimo.

A publicação de suas obras completas ainda não nasceu — é Deus! — para extingui-lo de certos reparos audaciosos.

Que importa! Existem, em real existência, nas consciências de critica.

Critico, panfletario, historiador de literaturas, quaisquer desses titulos a escolha do leitor são bastos para assegurar

ao Agripino Grieco um posto de mirante nas letras nacionais. E, ainda assim esse homem está longe de ser dogmatico, de pretender ao pontificado. Se algo pretende temos suas impressões limitadas em accrescer-se, quase que num apostolado, das grandezas do espirito, alias as unicas que o Grieco respeita.

Seus adversarios, eis os tem, deixam a impressão dos velhos monges da Tebaida que, por acinte, caminhavam para as margens do Nilo a fim de apagar aqua num cantaro furado para regar um grão-seco plantado por acinte nas areias do deserto.

Sejam pois, palmas e flores a obra do Agripino, numa consagração espontânea à beleza, à harmonia, à erudição.

Ele terá sem dúvida, um busto no jardim do Meyer.

Possivel desde já antecipar a legenda: Agripino Grieco, sempre escritor...

CRUZ E SOUZA E A ACADEMIA

Realizou a Academia Brasileira de Letras, na tarde de quinta-feira, 7 de corrente, uma sessão comemorativa de Cruz e Souza. Falou o sr. Antonio Austregilo, que conheceu pessoalmente Cruz e Souza e nos tempos da mocidade foi um dos discipulos do autor de "Violões que choram". Para ouvi-lo haviam-se reunido quase todos os académicos que residem no Rio de Janeiro. Também o salão da Academia, não obstante o péssimo tempo que fazia naquela tarde apresentava um aspecto festivo, cheias que se achava de distintas senhoras.

Cruz e Souza foi, como se sabe, adverso a Academia. Sua escola literaria — o Simbolismo — era em si mesma, um brado de libertação. O simples facto de pertencer a ela já revelava um compromisso de rebeldia diante do conservadorismo e da velharia, que qualquer conceito de Academicismo encerra.

Mas havia mais do que isso: havia que no quadro dos fundadores da instituição estavam reunidos todos os grandes parnasianos brasileiros. Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, tantos outros. Havia que os criticos e os historiadores literarios da hora da fundação da instituição — um José Verissimo, um Silvio Romero, um Valentim Magalhães, mesmo um Arianeu Jurema — eram radicalmente intensos aqueles que chamavam desde-

nhosamente de "refelbistas", de "decadentes". Em tal momento e em tal atmosfera não poderia haver de um grupo para o outro — dos simbolistas para os académicos, dos académicos para os simbolistas — sendo incompreensão, incompatibilidade, desconfiança, odio. Como, em tal hora, os adeptos da escola de Verlaine — ou de Cruz e Souza — poderiam ser outra coisa, sendo contrários à Academia? Como poderia a Academia ter diante deles outra attitud, que não fosse a de deixá-los à margem ou a de dar-lhes combate?

Mas o tempo passou — o divino tempo, que tudo transforma e tudo faz esquecer. E a Academia de hoje — a verdadeira de hoje — a Academia de um Brasil que já não é do fim do século XIX — tem outra maneira de encarar os simbolistas. Ela os encara como aquilo que eles realmente foram: os mensageiros de uma nova inspiração, de uma concepção poetica nova. Ela vê um Cruz e Souza e um Alphonsus de Guimarães herdeiros na mesma familia, da grande poesia brasileira, uma familia que começa em Gogaio de Matos, que se prolonga em Tomaz Gonzaga e em Basilio da Gama, que se estende a Gonçalves Dias, a Fagundes Faria, a Castro Alves, e que chega aos parnasianos, e que se vai estendendo, através da experiencia dos modernistas, para novas, radiosas e ainda misteriosas expressões no futuro.

Foi a vantagem de nos fazer ver claro isto que teve as honras othon a festa académica do dia 7.

Por ela a Academia mostrou que Cruz e Souza merecia da casa de Machado de Assis o carinho comovido, a preito de verdadeiro amor, que aquella illustre instituição sabe tributar a todos os verdadeiros talentos.

As publicações seguidas

de Autores e Livros

Além da *História da Literatura Brasileira*, parte principal desta revista, da *Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea*, em verso e prosa, da *Página de Autores Novecentistas* e de *A Vida dos Livros*, seções constantes, que remontam a primeira fase de AUTORES E LIVROS, temos em nossas páginas varias outras publicações em caráter continuo. São elas:

— *Cronologia da Literatura Brasileira*.

— *Traduções d' "O Corvo"*, de Edgar Poe.

— *Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha*.

— *Poesias inéditas de Bilac*.

— *Album de Guignard*. (Desenhos).

CLUBE DO LIVRO JURIDICO BRASILEIRO

Está sendo organizado no Rio de Janeiro, o Clube do Livro Brasileiro, achando-se a frente da iniciativa o Dr. Dirceu de Oliveira e Silva. Segundo o programma desse Clube, bimestralmente, e a preço acessivel a todos as horas, será lançado um novo livro de direito. As edições começarão a aparecer em Janeiro de 1949, já se encontrando programados os seguintes volumes:

— Oliveira e Silva — *Declaração das Sociedades Anônimas* — (2ª edição).

— Vicente Faria Coelho — *O desquite na jurisprudence dos nossos tribunals*.

— Brás Carvalho — *Delitos da Falsaria e do Sexo*.

A POSSE DO SR. ANIBAL FREIRE NA ACADEMIA

Ficou marcada para o dia 15 de Dezembro deste ano a posse do Sr. Anibal Freire na Academia Brasileira de Letras.

Para dar as boas-vindas ao sucessor de Roberto Simonsen foi designado o Sr. João Neves da Fontoura.

História do Jornalismo no Brasil: Francisco Otaviano

Francisco Otaviano de Almeida Rosa nasceu no Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1825. Era filho do médico Dr. Otaviano Maria da Rosa, também natural desta capital, e de D. Joana Maria da Rosa, natural de Maricá. Batizou-se na Igreja do Sacramento, sendo afilejado do negociante português Francisco José de Almeida e de Nossa Senhora das Dores.

Aos cinco anos estava matriculado no Colégio do Professor Manoel Maria Cuiabá, na rua do Carmo, hoje Uruguaiana. Aos oito anos e meio começou a estudar latim com o padre Manoel João Alexandre da Silva Pais. E logo estudava outras disciplinas: inglês, com José Luis Alves; francês e história com o Dr. Otaviano Maria; filosofia, com o Padre Soledade; retórica e poética com o Dr. João José Vahin; geografia, com Mr. Charles Delamarre; italiano com Palletti. Tentou a carreira do Mar, tendo cursado o primeiro ano da Academia de Marinha; mas a abandonou, dizem que por ser miope.

Aos 15 anos seguiu para São Paulo, afim de ir estudar Direito. Já poeta de um tempo, e são de sua fase acadêmica alguns dos seus trabalhos mais dignos de nota, e em primeiro lugar algumas traduções como as de *Romeu e Julieta*, que apresentamos aos leitores neste número de AUTORES E LIVROS. Cabe aqui o reparo de que foi provavelmente Otaviano quem pela primeira vez em nosso país traduziu o grande trágico inglês. Pelo menos até agora não conseguimos encontrar nenhum traço de Shakespeare em nossos poetas, antes do ano de 1843 — ano em que Otaviano o traduziu em S. Paulo.

Em 1842 passa pela grande dor de perder o pai, que fora sempre seu grande amigo, o mestre que lhe incutira ao espírito tantas qualidades, excelentes, que o familiarizara com os gênios preclaros da poesia, das várias literaturas do mundo. Em 1845 está com o seu curso de Direito terminado. Deceja advogar, e vai adquirir prática no escritório do Dr. F. Inácio de Carvalho Moreira; mas em breve o deixa e vai abrir escritório por conta própria na rua dos Latocíros, hoje Gonçalves Dias. Cultiva o jornalismo, colaborando na *Sentinelinha da Monarquia*.

No ano seguinte, era convidado para colaborar na *Gazeta Oficial*, folha que tinha como diretor o Dr. João Luis Vieira Casanção de Sinimbu, mais tarde Visconde de Sinimbu. Em

1847, era Otaviano diretor desse jornal. Nesse mesmo ano foi eleito secretário do Instituto da Ordem dos Advogados, e exerceu esse cargo pelo período de nove anos.

Em 1848 esteve em S. Paulo, mas ali pouco se demorou. Em novembro desse ano, era nomeado Secretário da Província do Rio de Janeiro, ali ficando pelo espaço de seis anos. Deixou o emprego por se ter incompatibilizado com o presidente Luiz Antonio Barbosa.

Em 1853 está na Câmara dos Deputados, passando em 1857 para o Senado, escolhido pelo seu lista sétupla. Em 1864 recebeu do Gabinete, Puro da incumbência de substituir na Missão do Rio da Prata o Conselheiro Paranhos. Seguiu para ali no ano seguinte, e conseguiu o Tratado da Tríplice Aliança, revelando-se um finíssimo diplomata. Recusou mais de uma vez ser ministro, tendo tido, entretanto, ocasião de exercer vários cargos na administração pública. Foi membro do Conselho Diretor da Instrução Pública, pertencendo à Comissão de Estatística do Império, fez parte do Conselho do Imperador.

Na sua tribuna do parlamento, na sua tribuna do jornal, esteve sempre em contacto com as idéias e com os movimentos que interessavam à nacionalidade. Foi adversário da escravidão.

Como jornalista, teve atividade fecunda e brilhantíssima. Tendo deixado a *Gazeta Oficial*, passou para o *Jornal do Comércio*, e ali criou um folheto semanal, intitulado *A Semana* (1855-1854). E a ele, parece, que se deve, no Brasil, a criação do folheto leve e espiritual, gracioso e sutil, gênero do qual foram mestres mais tarde, um Machado de Assis e um Olavo Bilac, gênero que veio a se transformar na crônica, e que parece desaparecido dos nossos jornais, nos nossos dias. Do *Jornal do Comércio* passou, em 1854, para o *Correio Mercantil* (folha que pertencia ao seu sogro, o velho Barreto).

Nessas várias folhas, deixou de si o mesmo e eloquente depoimento: o de um escritor arguto, gracioso e sutil, o de um prosador harmonioso, o de um ateniense, como lhe chamavam os seus contemporâneos.

Francisco Otaviano faleceu nesta cidade, em 28 de maio de 1889.

Francisco Otaviano é patrono da Academia Brasileira de Letras; é patrono também da Academia Carica.

ALGUMAS FONTES SOBRE FRANCISCO OTAVIANO

- Artur Mota, *Revista da Academia*, n.º 84.
- AUTORES E LIVROS, vol. 5, n.º 7 (22-8-1943) — Encerra:
- Notícia sobre Francisco Otaviano.
- Bibliografia de Francisco Otaviano.
- Os Cantos de Selma, de Francisco Otaviano:
- Prefácio de Salvador de Mendonça (carta a José de Alencar);
- I —
- II —
- III — O lamento de Coima (Cântico de Minnora).
- IV —
- V —
- VI — A nénia do homem forte (Cântico de Ullin).
- VII — O pai em orfanado (Cântico de Armino).
- VIII — Epitáfio.
- Francisco Otaviano, tradutor de Shakespeare:
- I — *Romeu e Julieta*.
- O primeiro encontro.
- II — *Hamlet* — A instituição dos presentes de amor — O monólogo de Hamlet.
- III — *Otelo* — A sedução de Desdêmona.
- Nota a Os Cantos de Selma.
- Opinião sobre Francisco Otaviano, de Silvio Romero e João Ribeiro.
- Versos bióticos. Autógrafo de um soneto de Francisco Otaviano.
- Ferreira de Araújo, Francisco Otaviano, de Fausto Barreto.
- Francisco Otaviano — A mesma letra, de Martim Francisco.
- 28 de Maio de 1849, de Francisco Otaviano.
- A Partida, de Francisco Otaviano.
- Algumas poesias de Francisco Otaviano:
- A Epônima.
- Recordações.
- Estátua.
- Esquecimento.
- Corne VIII (a si mesmo).
- Condão.
- Flor da Campa.
- Fatalidade.
- Morrer... dormir...
- Inútil da Vida.
- Na manhã deste dia.
- Para que ver?
- Num album.
- Adens à Vida.
- Martirios e Rosas.
- Num album de uma donzela moribunda, na cidade de Santos.
- A meu filho.
- Quem sabe?
- Desejos de doente.
- Elói Pontes — Machado de Assis, pág. 71.
- Fernando Neves — A Academia Brasileira de Letras.
- Galeria Nacional, vol. 1, pág. 11.
- G. Bellegande — Tradução e Poesia — Revista Brasileira (Midos) t. X, pág. 288.
- Hélio Lobo — O Cantor que venceu as Sereias — Revista da Academia, n.º 92.
- Henrique Perdigão — Dicionário Universal de Literatura — 313.
- João Ribeiro — *Jornal do Brasil* — 22-5-1928.
- José Veríssimo — *História da Literatura Brasileira* — 313.
- Laudelino Freire — *Revista de Língua Portuguesa* — n.º 39.
- Ronald de Carvalho — *Pequena História da Literatura Brasileira*.
- Salvador de Mendonça — Prefácio aos "Cantos de Selma" (Rev. da Ac., n.º 1).
- Sacramento Blake — *Dicionário Bibliográfico*, III, páginas 62.
- Silvio Romero — *História da Literatura Brasileira* — 2.º vol., pág. 199.
- Silvio Romero e João Ribeiro — *Manual da História da Literatura Brasileira*, 467.

Bibliografia de Francisco Otaviano

- Ode a Martim Francisco Ribeiro de Andrada — S. Paulo, Tip. da Costa Silveira, 1841 (publicação anônima).
- Inteligência do ato adicional, na parte relativa às assembleias provinciais — 33 págs., in-4.º, Rio, 1857 (escrito por incumbência do governo).
- Carta e tradução do "Sonho" de Byron — como introdução às "Traduções poéticas" de Francisco José Pinheiro Guimarães — 636 págs. — Rio, Tip. Universal de Laemmert, 1863.
- As Assembleias Provinciais, ou coleção das leis decretos, avisos, ordens e consultas que se tem expedido acerca das atribuições e atos de tais corporações, seguida de um trabalho em ordem alfabética, feito por ordem do governo. Edição anotada por J. M. Pereira de Vasconcelos (contem a "Inteligência do ato adicional") — 114 págs. — Rio, Ed. e Henrique Laemmert, 1865. — Há segunda edição de 1871.
- O tratado da tríplice aliança — discurso do senador na sessão de 13-7-1870 — 34 páginas in-3.º — Rio, 1870.
- Neve a descealhar — introdução ao volume de versos "Vãos icários" de Rozendo Muniz Barreto — XXXII — 398 págs. — Rio, Imperial Instituto Artístico, 1872.
- Introdução aos "Estudos e comentários da reforma eleitoral", do Conselheiro Tito Franco de Almeida.
- Cantos de Selma — com uma carta de Salvador de Mendonça a José de Alencar — (poemas) — edição de 7 exemplares publicadas para D. Epônima Otaviana, F. Otaviano, J. de Alencar, Eduardo de Andrade Pinto, Salvador de Mendonça, Luiz Barbosa e Henrique Brown — Rio, Tip. da República, 1872 — Reproduzida na "Lira Popular" de Quaresma & Cia., sem o prefácio; e na

"Revista da Academia Brasileira de Letras", n.º 2, 1910, com o prefácio.

— Tradução e poemas de F. Otaviano, publicados pelo Dr. Amorim Carvalho — 44 págs., in-8.º — Rio, 1881 (edição de 50 exemplares).

— Poesias, contidas na "Lira Popular" de Quaresma & Cia. (25 produções além das "Cantos de Selma") — 2.ª edição — Rio, Livraria do Povo, Quaresma & Cia., 1906.

— Questão militar — discursos proferidos no Senado e na Câmara dos Deputados pelos Srs. Barão de Cotegipe, Sarauva, F. Otaviano, Afonso Celso e Silveira Martins — Rio, 1887.

— Poesias espanholas, contidas na "Revista da Academia Brasileira de Letras", n.º 15, pág. 56; e n.º 16, pág. 234.

— Francisco Otaviano — caricatura ilustra nas letras, no jornalismo, na política, na tribuna e na diplomacia — esboço biográfico e seleção de Xavier Pinheiro — Rio de Janeiro, edição da "Revista de Língua Portuguesa" (oficina gráfica da Editora Brasileira Lux) — 477 págs., in-4.º, 1926. — Encerra as poesias originais e traduções inéditas, as poesias inéditas e traduções publicadas, os dois prefácios literários citados, um discurso, quatro trechos de prosa, quatro folhetins, o discurso de defesa do tratado e vários estudos sobre o autor. Reproduz vários documentos iconográficos referentes a F. Otaviano.

De sua atividade de jornalista, cumpre destacar as seguintes colaborações: na *Sentinelinha da Monarquia* (1845); na *Gazeta Oficial do Império do Brasil* (Rio, 1846-1848, 5 vols.); no *Jornal do Comércio*, (1852-1854); na *Gazeta de Instrução Pública* (Niterói, 1853-1859); no *Correio Mercantil*, órgão do partido liberal a partir de 1842; na *Tribuna Liberal*.

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da página 133)
Nacional. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947, XXV — 349 págs., e mais 1 de índice.

Prefácio de Américo Jacobina Lacombe.

— OBRAS COMPLETAS, vol. X — 1883 — Tomo II — Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946, 400 págs., e mais 1 de índice.

— OBRAS COMPLETAS, vol. X — Tomo III — Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947, 308 págs. e mais 3 s.n.

— OBRAS COMPLETAS, vol. X — Tomo IV. Reforma da Instrução Pública. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947, 281 págs.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XI — 1884 — Tomo I. Discursos Parlamentares. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1945, XLIII — 380 págs., II.

Prefácio e revisão de Astrigildo Pereira.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVI — 1889. Tomo I. Queda do Império. Diário de Notícias. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947, LXXXVII — 424 págs.

Prefácio de Hermes Lima, da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Notas e revisão de José Camarã, advogado do Rio de Janeiro.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVI — 1889 — Tomo II — Queda do Império. Diário de Notícias. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946, 517 págs.

Advertência de Américo Jacobina Lacombe e notas de José Camarã.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVI — 1889 — Tomo III — Queda do Império. Diário de Notícias. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 435 págs.

Revisão e notas de José Camarã.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVII — 1890 — Tomo I — A Constituição de 1891. Editora A Noite. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946, XXVI — 361 págs.

Prefácio e revisão de Fernando Nery.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII — 1891 — Tomo I — Discursos Parlamentares. Imprensa Nacional, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1945, XII — 354 págs.

Prefácio e revisão de Fernando Nery.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XIX — Discursos Parlamentares. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1947, XVII — 371 págs.

Notícia sobre Leonardo do Vale

(Continuação da página 125)
co dos estudos filológicos no ramo dicionarístico. Se a *Anchieta* cabe a glória de ter elaborado a primeira Gramática, se a Antônio de Araújo cabe a de ter composto o primeiro Catecismo, a Leonardo do Vale cabe a de ter redigido o primeiro Vocabulário. Esta se compara a Aquelas e talvez as ultrapasse.

Como os demais jesuítas, viveu ele em várias regiões do Brasil. Em 1572 achamo-lo na Bahia, e é ali mestre de Tupi. Da Bahia é a notável descrição da peste, que damos adiante, como modelo da sua forma e do seu feitio de escritor.

Também o encontramos em S. Paulo, no Catálogo de 1569, referente a Piratininga, vem apontado como "grande linguista", juntamente com Manoel de Chaves e Manoel Viegas.

O autor do Vocabulário na Língua Brasileira faleceu em Piratininga, a 2 de maio de 1591.

Dando notícia de sua morte, o Padre Provincial Marçal Belharte retrata-lhe o perfil com estes louvores: "... príncipe das línguas brasileiras, eloquente como Túlio, falava a língua com tanta perfeição, que até os índios se admiravam do seu talento e graça singular; companheiro do P. Nobrega e dos primeiros Padres, autor do Dicionário na Língua Brasileira, ótimo copioso e muito útil, por onde facilmente se aprende..."

Para mais completas informações acerca da vida e da obra de Leonardo do Vale, veja-se de Serafim Leite, além do excelente estudo que vai transcrito neste número de AUTORES E LIVROS, os 6 volumes da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, notadamente os dois primeiros.

Album de Guignard



N.º 8 — Ouro Preto — Bairro de Antonio Dias

As Poesias Completas, de Raimundo Correia

Acabam de aparecer, em uma edição da Companhia Editora Nacional, de São Paulo, em sua coleção "Livros do Brasil", as **Poesias Completas**, de Raimundo Correia, organização, prefácio e notas de Múcio Leão.

A edição ficou formada de dois volumes. O primeiro (337 págs.) não é mais do que o vo-

lume das **Poesias**, organizado pelo próprio Raimundo Correia em 1888, e publicado em Lisboa, quando ele ali se encontrava na representação diplomática do Brasil.

O segundo volume (464 págs.) ficou formado da parte dos livros anteriores à edição das **Poesias** que Raimundo Correia não recolheu a essa coletânea. Estão nele encerrados os **Primeiros Sonhos** (completo) e as **Poesias de Sinfonias, Versos e Versões e Aleluias**, não incluídas depois em **Poesias**. O organizador da presente edição recolheu a este segundo volume cerca de sessenta trabalhos (as **Poesias Avulsas**) que Raimundo Correia deixara totalmente inéditas, ou que apenas publicara em jornais.

A edição é enriquecida com uma biografia, uma bibliografia, uma minuciosa relação de fontes, tudo relativo a Raimundo Correia. Reproduz, bem assim, os textos originais — que são numerosos — de todas as poesias que Raimundo Correia andou traduzindo de poetas franceses, espanhóis, alemães, etc.

Podemos dizer, portanto, que no Brasil temos meios de conhecer, incorporada definitivamente à grande constelação das suas clássicas, uma das maiores figuras de nossas letras — esse extraordinário Raimundo Correia, que João Ribeiro chamou um homem de genio, podendo o nome do próprio Antero de Quental, como expressão de poesia e de espiritualidade.

UMA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira parte de **AUTORES E LIVROS** constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no formato regular de livro já abrangeria umas quatrocentas páginas, referentes aos números publicados nesta nova fase. Esses fascículos iriam formar nove dos primeiros capítulos da referida obra. São eles os seguintes:

- I — Pedro Vaz de Caminha — (6-6-1948).
- II — Pero Lopes de Souza — (20-6-1948).
- III — Manoel da Nobrega — (4-7-1948).
- IV — José de Anchieta — (18-7-1948).
- V — Gabriel Soares de Souza — (1-8-1948).
- VI — Bento Teixeira — (15-8-1948).
- VII — Pero Magalhães Gandavo — (29-8-1948).
- VIII — Fernão Cardin — (12-9-1948).
- IX — Quirino Caxa — (26-9-1948).

Bibliografia de Agripino Grieco

(Continuação da página 130)
 — **Reminiscências**, de Agripino Grieco — Vários Loci — 21-7-1939.
 — **Kabiro, João** — *Ille, mis-za est* — Estádio de S. Paulo, 18-9-1939.
 — **Tristão de Almeida** — *O Jornal*, Setembro 1923.
 — **Velho Sobrinho** — *Dicionário Biográfico*, primeiro volume.

Livros recebidos

— Vasconcelos, José Mauro de — **BARRO BLANCO** — Instituto Proresso Editorial — Coleção Iguassú, 6 — São Paulo — 1948, 289 págs.
 — E a seleção do Livro do Mês, em outubro de 1948.
 — Van Jafa — **RONDA DOS TEUS OLHOS** — Capa de Ubi Bava — Gráfica Editora Aurora Ltda. — Rio, 1948, 200 págs.

Alguns verbetes...

(Continuação da pág. 127)

Ibiracua, que sempre está nos paus e morde de arretrasso...

RAPOSA

"Jagapitanga, não no parecer nem no ofício.
 Outra, Coati, no parecer, mas não no ofício.
 Jaguacininga, no parecer e no ofício".

CARANGUEJO

"Os grandes do mar, gu-nhumig.
 Os dos mangues, uca.
 As fêmeas destes, cunduru.
 Os vermelhos dos mangues, aratã.
 Os do mar, que estão debaixo da pedra, guatã.
 Os de duas pontas que sempre andam pelo fundo, ubi.
 Tem muitas espécies, ciricua, cu, cirinema.

Uns que andam pela praia aguaruoca.
 Cirimiri, andam nas ondas do mar."
 (Apud Serafim Leite — *Verbum*, 1.º).

(6) Formosa antena de que há uma espécie de caranguejo, de cor vermelha, que se encontra nas praias de Iguassú, no Estado do Paraná.

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS IPE

— **A Primavera**, de Sandro Botticelli, apologia de arte nas medidas originais.
 — **Propedêutica do abdômen**, de Jairo Ramos e Alípio Correia Neto.
 — **História da Literatura Italiana**, de Attilio Momigliano.
 — **Barro Blanco**, de José Mauro de Vasconcelos.
 — **Três Imperialismos em Luta**, de Italo Zingarelli.
 — **Moscou 1979**, de Erik e Christiane von Kuehnert-Leddihn.
 — **História da França**, de Octave Aubry.
 — **Química e Medicina**, de Michel Chormanski.
 — **Crucada Sem Cruz**, de Arthur Koestler.

VIAJANDO...

(Continuação da página 130)
 zembro de 1888, na matriz de Paraíba, pelo cônego Inácio Felix de Alvarenga Sales...
 P. S.: — Provetosa a leitura das "Vins brasileiras de comemoração", de Max Vasconcelos. E' trabalho bem redigido. Detalhes topográficos, históricos e etimológicos completos. E' uma pontilhada de felizes notas p-treirosas.

(O Jornal, 18-5-1945)

JOSE ALBANO

(Continuação da página 131)
 e as coisas ou p rinhos p a paver, versos tão a ando como o voo de uma fênix.
 José Albano teve também quando quis, notas épicas e nos últimos dias das de morte, e até de luctu, mas não poesia nenhuma em tal caso e um vaticio.
 (Revista da Poesia Brasileira).